



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ - UNIFAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

**Grande reportagem esportiva para veículo impresso: Bira, o atacante
do meio do mundo que conquistou o Brasil**

TIAGO EMANUEL CAMPELO KOPP - 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ - UNIFAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

**Grande reportagem esportiva para veículo impresso: Bira, o atacante
do meio do mundo que conquistou o Brasil**

Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo,
do Departamento de Letras, Artes e
Comunicação da Universidade Federal do
Amapá. Categoria Projeto Experimental, na
modalidade jornalismo esportivo impresso, sob
orientação do Prof. Dr. Jefferson Ferreira Saar.

DEDICATÓRIA

Dedico esta vitória àqueles que ao meu lado venceram esta batalha. A meus pais, de origem humilde, mas que com muita garra, sangue, suor e lágrimas hoje podem me ver concluir esta graduação. À minha esposa, razão pela qual eu cheguei ao Amapá, e que hoje se mostra um poço insaciável de amor, carinho e compreensão. À Lairane e Carmen, por me incentivarem na busca pelo conhecimento. Esta conquista, muito mais que minha, é de vocês!

EPÍGRAFE

*“É chegada a hora de fazer a minha e a sua mãe
sorrir. É chegada a hora de ver a alegria estampada
no rosto de cada humilde”.*

GOG, Vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, Criador e Senhor do Universo, pela oportunidade de viver e alcançar cada conquista.

A meus pais, por serem incansáveis desde o início a me propiciar condições dignas de vida e pelo incentivo ao estudo.

À Leticia, minha esposa, por estar sempre ao meu lado em todas as circunstâncias. Às nossas famílias, que sempre criaram um ambiente de afeto e diálogo.

Aos colegas que tive o prazer de conhecer durante esta longa trajetória na UFRGS e na UNIFAP, de maneira especial ao Daian e ao Renato, cooperadores deste projeto.

A todos os professores que me deram a honra de aprender em suas disciplinas em ambas universidades, representados aqui pelo Prof. Dr. Flavio Porcello, que me apresentou Gay Talese e o Jornalismo Literário.

Ao Prof. Dr. Jefferson Saar que sabiamente me orientou na produção deste projeto.

Menciono também meu agradecimento ao Bira, pela receptividade desde nossa primeira conversa e por todas as histórias compartilhadas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
PROBLEMA DE PESQUISA	11
HIPÓTESE.....	11
JUSTIFICATIVA	12
OBJETIVOS	13
Objetivo Geral	13
Objetivos Específicos	13
REFERENCIAL TEÓRICO	14
Jornalismo Esportivo no Brasil	14
Primeiros passos	14
A era romântica da editoria esportiva no Brasil	15
Sobriedade e frieza no jornalismo esportivo	16
Jornalismo Esportivo Amapaense	17
Futebol Amapaense	20
Bira	22
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	23
Sobre os objetivos de pesquisa	23
Os procedimentos técnicos adotados	24
A pesquisa bibliográfica	24
A pesquisa documental	24
O estudo de campo	25
Formas e métodos de entrevista	25
Entrevista no Jornalismo Esportivo	26
DESCRIÇÃO DO PRODUTO	27

Definição do biografado e construção do projeto.....	28
Justificativas à construção textual	30
Construção textual	32
Justificativas à diagramação	33
Diagramação.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS	36
ANEXOS	39
Roteiro da Entrevista	39
Autorização de Entrevista.....	44
Documentos – Arquivo Histórico do S.C. Internacional.....	45
Matéria Diagramada	46

Grande reportagem esportiva para veículo impresso: Bira, o atacante do meio do mundo que conquistou o Brasil

Tiago Emanuel Campelo KOPP

RESUMO

Este projeto experimental tem como objetivo a produção de uma grande reportagem na editoria do Jornalismo Esportivo local. No memorial, discorre-se sobre o histórico do Jornalismo Esportivo Brasileiro e Amapaense e constata-se a baixa incidência de grandes reportagens em âmbito local no eixo temático proposto. O produto deste projeto visa atender a esta demanda, dialogando também sobre os aspectos técnicos da produção. O personagem selecionado, Bira, justifica-se por sua carreira de sucesso em equipes como Esporte Clube Macapá, Paysandu, Remo e Internacional. O projeto enquadra-se no segmento descritivo, utilizando-se principalmente dos seguintes métodos: Pesquisa Bibliográfica, Pesquisa Documental, Estudo de Campo e Entrevista.

PALAVRAS CHAVE: Grande Reportagem; Veículo Impresso; Jornalismo Esportivo; Futebol; Amapá.

ABSTRACT

This experimental project aims the production of a Great News Report on local sports editorial. During the work, it is explained the history of Brazil's and Amapá's Sports Journalism, as well as the low incidence of Great News Reports in local scope for the purposed theme. The product of this project aims to fill this demand, discussing, as well, about the technical aspects of the production. The selected character, Bira, justifies the choice by his successful career in clubs as Esporte Clube Macapá, Paysandu, Remo and Internacional. The project is inserted in descriptive segment, mainly using the following methods: Bibliographic Research, Documental Research, Field Study and Interview.

KEYWORDS: Great News Report, Newspaper, Sports Journalism; Soccer, Amapá.

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da realização de um projeto experimental cujo produto é a grande reportagem intitulada “Bira, o atacante do meio do mundo que conquistou o Brasil”. Tal proposta é descrita no final do Artigo 5º Do Regimento do TCC do Curso de Jornalismo UNIFAP da seguinte forma: “Entende-se Projeto Experimental a elaboração de produto jornalístico, oriundo de um processo de planejamento fundamentado teórica e metodologicamente e que resulta em um trabalho prático acompanhado de um memorial” (COLEGIADO DO CURSO DE JORNALISMO UNIFAP, 2014, p.2).

A escolha do tema tem íntima ligação com seu autor. Muitos de nós, brasileiros, já cogitaram quando criança ser jogador de futebol. Entretanto, uma parcela muito reduzida nasce com o dom necessário a se tornar atleta de elite no país do futebol. Alguns loucos (e chamamos assim, por acreditar ser verdade), como eu, decidem seguir querendo fazer parte deste meio maravilhoso. Uns decidem frequentar todos os jogos de seu clube de coração, outros fazem cursos preparatórios e viram árbitros ou dirigentes. Tudo para não se ver longe do futebol. No meu caso, a escolha foi pelo Jornalismo, levando em consideração uma certa habilidade de comunicação.

Durante a qualificação de projetos, passo prévio ao Trabalho de Conclusão de Curso, busquei uma aproximação com outras áreas do conhecimento, mas foi o futebol que me seduziu para contar um pequeno fragmento de sua história neste projeto. Durante as pesquisas, constatou-se a completa inexistência de revistas esportivas no mercado impresso amapaense. Da mesma forma, a mídia local (neste estudo, a impressa) prefere destinar boa parte de seu espaço esportivo a pautas originadas no Sudeste e Sul do país. Aprofundando mais a abordagem, encontrar grandes reportagens sobre o esporte no Amapá é tarefa difícil, apesar de existir uma rica história a ser contada por diferentes modalidades. Após estas constatações, indagou-se: *Por que há baixa incidência de grandes reportagens jornalísticas sobre o esporte no Amapá?*

Levando em consideração as características atuais da mídia impressa amapaense, postulou-se uma hipótese: *Há pouca incidência de grandes reportagens esportivas no Amapá pela falta de uma revista local dentro da temática e pela pouca familiaridade do público leitor amapaense com a densidade característica deste tipo de produto, desestimulando produções deste conteúdo em outros veículos impressos.* Tal assertiva pôde ser validada ao longo do

projeto, levando em consideração as vastas possibilidades de construção no campo do jornalismo esportivo amapaense.

O projeto executado a partir deste desafio teve como objetivo principal produzir uma grande reportagem voltada para a editoria do jornalismo esportivo retratando uma realidade do esporte local. Sua execução, mais do que mera etapa acadêmica, serve como contribuição científica e prática à pesquisa esportiva amapaense. Também é capaz de interligar o meio acadêmico do profissional, que não raras vezes tem um abismo a separá-los. A construção do produto, com qualidade gráfica e textual, atributos técnicos jornalísticos, evidencia possibilidade clara de construções futuras semelhantes com outros personagens do esporte amapaense. Também deixa em aberto possibilidade de expansão, como a criação de uma coletânea ou almanaque com um conjunto destas histórias reunidas. Explicito também sua relevância para a construção da memória esportiva amapaense, da qual o jornalismo local não deve se eximir.

Os referenciais teóricos utilizados partiram do jornalismo esportivo no Brasil, com destaque a Coelho (2003), Unzelte (2009) e Barbeiro e Rangel (2013). No jornalismo esportivo amapaense, validado pelas citações de Scheibe e Augusto (2013) em seus projetos, deu-se especial atenção à recomposição histórica de Rodrigues (2007), que relata o início da imprensa amapaense. Já em relação ao futebol amapaense, tomou-se como base os relatos de Garcia (2009), que remonta em sua obra o futebol do Amapá durante cinco décadas (1940-1990) através de atletas de destaque.

Um destes destaques é Ubiratan Silva do Espírito Santo, o Bira. Sua história, de muitas conquistas por todo o país, inspirou-nos à construção de uma grande reportagem biográfica. O trabalho teve como ponto de partida uma pesquisa mais aprofundada sobre sua história profissional, assim como seu contexto antes e depois da carreira. Ubiratan aceitou participar do projeto, uma peculiaridade interessante no contexto amapaense, no qual o acesso a personalidades como Bira é facilitado. Além das histórias compartilhadas, foi gentil em dar-nos livre acesso às memórias que guarda do futebol, assim como acompanhar-nos em uma sessão fotográfica no estádio Milton Correa de Souza, o Zerão.

O texto foi construído levando em consideração as características de uma grande reportagem, especialmente aquelas denominadas perfil, com aproximações ao “Novo Jornalismo” e ao jornalismo literário. Buscou-se uma construção humanizada de Bira, sem deixar de lado o período de atividade como atacante e treinador. Aspectos da infância, da família e da personalidade do personagem ajudaram a compor o material. Com a relação à

diagramação, realizou-se um projeto com foco na leveza da disposição do conteúdo. Nas construções de cor e escolha das imagens, objetivou-se remeter à trajetória do personagem, como na definição dos tons de azul (cores do E.C. Macapá, Paysandu e Remo). O produto jornalístico possui 13 páginas diagramadas.

A metodologia que ampara este trabalho tem base em Gil (2002 e 2008), Lakatos e Marconi (2003) e Barbeiro e Rangel (2013). A pesquisa realizada se enquadra como descritiva, com pontos de convergência com a pesquisa explicativa. Os principais procedimentos técnicos adotados foram: Pesquisa Bibliográfica, Pesquisa Documental, Estudo de Campo e Entrevista.

PROBLEMA DE PESQUISA

De acordo com Gil (2002, p. 23) não é simples formular uma definição para problema de pesquisa, entretanto o autor utiliza o seguinte significado, encontrado no Novo Dicionário Aurélio: “questão não solvida e que é objeto de discussão, em qualquer domínio do conhecimento” (GIL, 2002, p. 23). Em relação à construção do problema, Lakatos e Marconi (2003, p. 159) ressaltam que “deve haver clareza, concisão e objetividade”. Neste processo criativo, algumas circunstâncias auxiliam na elaboração de um problema sólido: “imersão sistemática no objeto, estudo da literatura existente e discussão com pessoas que acumulam muita experiência prática no campo de estudo” (SELLTÍZ, 1967, apud GIL, 2002, p.26).

Seguindo estes direcionadores, o pesquisador pôde constatar a completa inexistência de revistas esportivas no mercado impresso amapaense. Constatou-se também, nos jornais diários locais, um baixo volume de matérias destinadas ao esporte amapaense, que prezam mais pela reprodução de assuntos que envolvam o esporte no Sul e no Sudeste do país. Neste contexto, é necessário ressaltar a falta de grandes reportagens sobre o esporte no Amapá nos veículos impressos locais e salientar o reduzido espaço concedido pela mídia amapaense para a história e a memória esportiva do estado.

Com base neste prognóstico, o presente estudo busca responder à seguinte questão: *Por que há baixa incidência de grandes reportagens jornalísticas sobre o esporte no Amapá?*

HIPÓTESE

Hipótese nada mais é do que “uma expressão verbal suscetível de ser declarada verdadeira ou falsa” (GIL, 2002, p. 31), como possível resposta ao problema apresentado. Não

há um método único para a elaboração de uma hipótese, mas tal qual o problema, algumas características devem nortear o pesquisador durante o processo de elaboração:

1) a hipótese deve ser formalmente correta e não se apresentar "vazia" semanticamente; 2) a hipótese deve estar fundamentada, até certo ponto, em conhecimento anterior; caso contrário, volta a imperar o pressuposto já indicado de que deve ser compatível, sendo completamente nova em matéria de conteúdo, com o corpo de conhecimento científico já existente; 3) a hipótese tem de ser empiricamente contrastável, por intermédio de procedimentos objetivos da ciência, ou seja, mediante sua comparação com os dados empíricos, por sua vez controlados tanto por técnicas quanto por teorias científicas. (BUNGE, 1976, p. 255 apud LAKATOS E MARCONI, 2003, p. 130).

Gil (2002, p. 37) complementa a citação anterior com outras duas características importantes de uma boa hipótese:

Deve ser específica: Muitas hipóteses são conceitualmente claras, mas são expressas em termos tão gerais, e com objetivo tão pretensioso, que não podem ser verificadas [...]. Deve ser parcimoniosa: Uma hipótese simples é sempre preferível a uma mais complexa, desde que tenha o mesmo poder explicativo. (GIL, 2002, p. 37).

Observando as diretrizes apresentadas para uma hipótese científica, propomos a seguinte assertiva: *Há pouca incidência de grandes reportagens esportivas no Amapá pela falta de uma revista local dentro da temática e pela pouca familiaridade do público leitor amapaense com a densidade característica deste tipo de produto, desestimulando produções deste conteúdo em outros veículos impressos.*

JUSTIFICATIVA

O presente Trabalho de Conclusão de Curso é uma contribuição ao Jornalismo Esportivo amapaense, especialmente no meio acadêmico. Nota-se, no estado, uma preocupação dos profissionais do Jornalismo em realizarem exclusivamente suas funções, isto é, sem preocuparem-se no envolvimento com o mundo acadêmico. Em outro ponto, encontram-se os estudantes de Jornalismo, que não raras vezes possuem pouca ou nenhuma vivência nos meios de comunicação tradicional e acabam lidando com o fazer jornalístico em uma concepção distinta em comparação àqueles que deixaram de ser “focas” há bastante tempo.

O projeto experimental, na visão deste pesquisador, propicia justamente este diálogo entre dois mundos. A possibilidade de produzir um material jornalístico e defender sua

concepção através de um memorial deixa clara a importância de teoria e prática, academia e redação, andarem lado a lado e serem ambas necessárias à formação de um profissional capaz de bom desempenho nos dois meios.

A validade desta pesquisa, em específico, se dá pela pequena disponibilidade, para não apelarmos à inexistência, de grandes reportagens no contexto do Jornalismo Esportivo Amapaense. A única revista local em circulação é a Revista Diário, hoje com apenas 28 edições, trazendo em algumas publicações matérias contendo o perfil de personagens do esporte local. Os jornais diários no Amapá ocupam-se de pequenas matérias e notas sobre esporte. Neste contexto, aparentemente não há espaço para uma grande reportagem jornalística de cunho esportivo na mídia impressa amapaense, e o presente trabalho visa gerar este conteúdo, pautando-se na qualidade textual, no conteúdo jornalístico e na diagramação. Não se refere especificamente a uma proposta de revista esportiva amapaense, pois eventualmente um impresso especializado desta maneira não encontraria viabilidade de existência em nosso estado, mas de uma provocação a um tipo de conteúdo sagaz, robusto e atrativo capaz de figurar ocasionalmente em nossos veículos impressos.

O meio acadêmico também sairá beneficiado, pois o trabalho pode contribuir em seu arcabouço teórico com pesquisas futuras em temáticas análogas, levando em consideração o fato de agrupar referências que se encontram isoladas em diferentes meios de pesquisa. Serve ainda como incentivo aos futuros pesquisadores que planejam desenvolver pesquisas sobre jornalismo impresso amapaense, já que propõe um conteúdo adequável ao mercado local.

Por fim, a escolha temática passa pelas vivências deste pesquisador. Trata-se de um apaixonado pelos esportes, que enveredou pelo Jornalismo por convicção, e percebe no mercado impresso local uma lacuna na produção do conteúdo deste projeto experimental, e passa a propor a execução de uma grande reportagem esportiva amapaense.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

- Produzir uma grande reportagem voltada para a editoria do jornalismo esportivo retratando uma realidade do esporte local.

Objetivos Específicos

- Fomentar a memória escrita do jornalismo esportivo no campo amapaense;
- Contribuir com o conhecimento acadêmico no segmento esportivo amapaense;

- Incentivar produções jornalísticas que envolvam a memória do Amapá e de seus personagens/clubes.

REFERENCIAL TEÓRICO

Jornalismo Esportivo no Brasil

Primeiros passos

O início do Jornalismo Esportivo no Brasil tem forte ligação com esportes considerados elitistas (tanto em relação ao público de interesse, quanto aos custos para a prática da modalidade), como o turfe e o remo. O espaço destinado a esta editoria, entretanto, era muito diferente do que vemos hoje. “Pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. A rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular do país na época, jamais estamparia as primeiras páginas de jornal” (COELHO, 2003, p. 7).

O período citado são os primeiros anos do século XX, época em que a política do país vivia uma grande ebulição (abolição da escravatura, Primeira República, Política do Café com Leite...), tornando-se o assunto preferido dos jornalistas. A popularização dos esportes somada a realização de grandes eventos, especialmente os futebolísticos, contribuíram para que houvesse mais espaço ao esporte nos periódicos da época.

Com o aumento da editoria esportiva nos jornais da época, destaca-se o antigo e já extinto jornal Fanfulla, dedicado diretamente aos italianos residentes em São Paulo. “O jornal trazia relatos de página inteira num tempo em que este esporte ainda não cativava multidões. E informava as fichas de todos os jogos do clube dos italianos. [...] Não existia o que se pode chamar hoje de jornalismo esportivo. Mas não fosse aqueles relatos, ninguém jamais saberia, por exemplo, quando e qual foi o primeiro jogo do velho Palestra” (COELHO, 2003, p. 8).

O ano de 1919 pode ser considerado um marco na trajetória dos esportes em busca de espaço na mídia da época. Naquele ano, o Brasil sediou a terceira edição do Campeonato Sul-Americano de Futebol, no Rio de Janeiro. A agitação do torneio, que chegou a levar 40 mil espectadores para a primeira partida do campeonato, não passou incólume das páginas jornalísticas da época. Vejamos um excerto de A Razão, em 30 de maio de 1919:

O terceiro Campeonato Sul-Americano de Football decidiu-se ontem pela vitória dos jogadores brasileiros. Este acontecimento teve uma repercussão

que se pôde considerar bem como continental, apesar das grandes coisas que neste momento ocupam a atenção dos povos, como o problema da paz, a ser resolvido pela resposta da delegação alemã à proposta dos aliados e a travessia aérea do Atlântico. Aqui, a impressão causada pela vitória dos nossos jogadores foi de um entusiasmo delirante. Desde muito cedo a população sentiu a sua atenção presa à grande peleja, que se ia travar no campo do Fluminense, crescendo à medida que se aproximava a hora do desempate sensacional [...]. Acabou-se. Agora não perdemos mais a dianteira! Perdemos os campeonatos anteriores! Agora seguramos o cinturão de ouro e não o largamos mais. E, com essa convicção, toda gente voltou para casa, depois de um grande dispêndio de energia nervosa. (A RAZÃO, 1919, apud COELHO, 2003, p. 13)

Ainda de acordo com Coelho (2003, p.9), em 1931, surgiu aquele que é considerado o primeiro jornal exclusivamente dedicado ao esporte no Brasil: o Jornal dos Sports. Foi fundado por Argemiro Bulcão em 13 de março de 1931, e fez fama com suas páginas cor-de-rosa. Um ano antes de seu fechamento, em 2010, o jornalista Celso Unzelte fazia um triste panorama: “A reduzida equipe de dez pessoas, cinco das quais são estagiários, vem concentrando seus esforços muito mais no portal na Internet do que na edição impressa” (UNZELTE, 2009, p. 59).

A década de 1930 foi marcada por intensas disputas acerca da profissionalização do futebol, que só chegou a um consenso em 1937. No campo jornalístico, a década de 1930 também marcou o início dos relatos radiofônicos do esporte. “Em 1932, início das transmissões esportivas no rádio, a linguagem usada era a da pura emoção. Os locutores chegavam a gritar para demonstrar a explosão do gol. Muitas vezes não se preocupavam com quem estava em volta e se o estádio estava lotado: eles falavam mais alto para não ter seu som abafado pelos urros da torcida enlouquecida” (BARBEIRO; RANGEL, 2013, p. 54).

A era romântica da editoria esportiva no Brasil

Com a popularização dos esportes, especialmente do futebol, evoluíram também os textos jornalísticos. Não mais limitados a poucas linhas e à simples divulgação dos scores, os relatos tornaram-se mais aprofundados. Exponentes da década de 1940, os colunistas Mário Filho (que anos depois virou nome de batismo do Maracanã) e Nelson Rodrigues imprimiam paixão a cada nova coluna nos jornais. “Tanto que alguns jogos ruins ou violentos podiam virar quase um romance nas linhas desses periódicos” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 55).

Coelho (2003, p. 17), destaca a opinião de que “não era exatamente jornalismo as crônicas que Nelson Rodrigues escrevia”. De fato, as crônicas deste período, foram marcados de emoção e romance, sem atender necessariamente a uma precisão dos relatos. “Essas crônicas

motivavam o torcedor a ir ao estádio para o jogo seguinte e, especialmente, a ver seu ídolo em campo. A dramaticidade servia para aumentar a idolatria em relação a este ou àquele jogador. Seres mortais alçados da noite para o dia à condição de semideuses” (COELHO, 2003, p. 17-18). Vale ressaltar também que um texto envolvente auxiliava na decisão de compra do próximo exemplar do jornal. Vejamos um excerto da crônica “O craque sem idade”, texto de Nelson Rodrigues publicado em 3/12/1955 no jornal *Manchete Esportiva*:

Quando acabou a etapa inicial do jogo Brasil x Paraguai, o placar acusava um lírico, um platônico 0 x 0. Ora, o empate é o pior resultado do mundo. O torcedor sente-se roubado no dinheiro da entrada e inclinado a chamar os 22 jogadores, o juiz e os bandeirinhas de vigaristas. Acresce o seguinte: — de todos os empates o mais exasperante é o de 0 x 0. Essa virgindade desagradável e irreduzível do escore já humilhava o público e, ao mesmo tempo, o enfurecia. Súbito, o alto-falante do estádio se põe a anunciar as duas substituições brasileiras: — entram Zinho e Walter. Foi uma transfiguração. Ninguém ligou para Walter, que é um craque, sim, mas sem a tradição, sem a legenda, sem a pompa de um Ziza. O nome que crepitou, que encheu, que inundou todo o espaço acústico do Maracanã foi o do comandante banguense. Imediatamente, cada torcedor tratou de enxugar, no lábio, a baba da impotência, do despeito e da frustração. O placar permanecia empacado no 0 x 0. Mas já nos sentíamos atravessados pela certeza profética da vitória. Os nossos tórax arriados encheram-se de um ar heróico, estufaram-se como nos anúncios de fortificante. (RODRIGUES, 1993, p. 15)

Os relatos passionais e cheios de adjetivos marcaram a crônica esportiva até a década de 1960. Se por um lado não eram precisas nos mínimos detalhes, de outro, fixaram no imaginário de gerações uma magia entranhada no esporte, capaz de apaixonar e auxiliar na transmissão deste sentimento às gerações seguintes.

Sobriedade e frieza no jornalismo esportivo

Coelho (2003, p. 19) e Barbeiro e Rangel (2013, p. 55) concordam que as décadas de 1970 e 1980 são marcadas por um compromisso maior da imprensa esportiva em narrar os fatos com a maior veracidade possível. Saem de cena os mitos criados e alimentados nas narrações e crônicas, ao passo que “a precisão ganhou espaço e tornou o esporte quase frio” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 55).

O fato das transmissões de TV se popularizarem, especialmente na década de 1980, pode ter contribuído para relatos mais precisos e, ao mesmo tempo, menos emocionais, já que o acesso às imagens do jogo poderia desmentir certos adjetivos dos narradores e cronistas das

décadas passadas. A primeira partida de futebol transmitida ao vivo na TV brasileira, aliás, foi em 1955, mas segundo Juca Kfoury (2015), existem divergências sobre a data precisa da primeira transmissão.

Barbeiro e Rangel (2013, p. 55) entendem ser necessária uma mistura saudável de emoção e descrição dos fatos. Já Coelho (2003, p. 19) lamenta o fato de que a frieza do relato cru “é capaz de jogar na vala comum atletas que certamente já merecem lugar na história”. O desafio do jornalista esportivo a partir deste período é justamente transmitir uma informação precisa, mas capaz de captar a atenção do leitor/ouvinte/espectador, tornando-o assíduo a seu veículo de comunicação

Jornalismo Esportivo Amapaense

Remontar a linha do tempo do Jornalismo Esportivo no Amapá não é tarefa fácil. Antes de chegarmos especificamente ao esporte, é necessário traçarmos um histórico da comunicação em si no território (e depois estado) amapaense. Neste item nos ateremos ao início dos três principais meios (impresso, rádio e televisão) de maneira cronológica e, ao longo de cada tópico pontuar a comunicação esportiva amapaense.

A versão mais aceita para o início da imprensa do Amapá é a fornecida por Edgar Rodrigues através de seus artigos online, que crava o ano de 1895 como o lançamento do Jornal “Pinsonia”. O periódico não teria vida longa, sendo descontinuado três anos depois:

O início de tudo é 1895, com o lançamento do jornal PINSONIA, fundado pelo intelectual macapaense Joaquim Francisco de Mendonça Junior, muito embora nesse mesmo ano já circulassem em Macapá edições esparsas do jornal paraense O DEMOCRATA, de propriedade do Partido Republicano Democrático do Pará. [...] O último número do PINSONIA circulou em 1898. (RODRIGUES, 2007, INTERNET).

O mesmo autor registra “O Correio de Macapá” como o segundo jornal produzido no território tucuju, entretanto, assim como seu antecessor, não teve longevidade:

Apareceu em julho de 1915, iniciativa do coronel e intelectual Jovino Dinoá. Como veremos, ele teve a presença marcante do padre Júlio Maria Lombardi [sic], a esse tempo vigário de Macapá, que colaborou assiduamente, focalizando assuntos relacionados à história de Macapá. Em 1918 já não se ouvia mais falar no CORREIO. (RODRIGUES, 2007, INTERNET).

Passadas as duas tentativas, os relatos históricos apontam para uma nova investida nos meios de comunicação somente na década de 1940. Em 13 de setembro de 1943 foi assinado pelo então Presidente da República Getúlio Vargas o Decreto-Lei 5.812, desmembrando o Amapá do Pará e alçando-o à condição de Território Federal. Não foi necessário muito tempo para que o governo do novíssimo território tivesse interesse em se utilizar da imprensa. De acordo com Rodrigues (2007, INTERNET),

[...] em 19 de março de 1945 circula pela primeira vez o jornal AMAPÁ, de propriedade do Governo do Amapá, tendo como primeiro diretor Paulo Eleutério Cavalcante de Albuquerque. Também a REVISTA DO AMAPÁ passa a ser editada nesse tempo, por Raul Montero Valdez, que a essa época exercia o cargo de secretário geral do Governo do Amapá. (RODRIGUES, 2007, INTERNET).

A Rádio Clube AM 690 (Belém/PA) e sua emissora de Ondas Tropicais, sob prefixo OT 4885, foi a primeira a cruzar o Rio Amazonas em 7 de junho de 1945 e passou a apresentar programas “sempre às quintas-feiras, a partir das 19h30 (nesse tempo A Voz do Brasil tinha apenas 30 minutos de duração), que eram retransmitidos por um sistema de alto-falantes, tanto em Macapá como no interior do antigo território do Amapá” (COSTA; SOUZA; COSTA, 2011, p. 48).

Em 15 de dezembro de 1945 entrou no ar em Macapá a ZYE-2 Rádio Difusora (1.460 kHz, 205.5 metros) no prefixo AM 630. Segundo Cunha (2011, p. 269-282), como um dos grandes interesses da rádio era dar vazão às ações do governo, o então presidente Getúlio Vargas liberou seu funcionamento antes da outorga definitiva, que viria somente em 1º de abril de 1953. A Difusora, entretanto, divulga como sua data oficial de inauguração 11 de setembro de 1946, quando passou a operar com aparelhagem mais completa no prédio da Rua Cândido Mendes, onde funciona até hoje a sede da emissora.

A Rádio Difusora tem papel fundamental no Jornalismo Esportivo Amapaense. É atribuída à emissora, a primeira transmissão ao vivo de futebol no estado. Vejamos o excerto de Campos (2018, p. 14):

Segundo Emanuel Jordânio (2014), no segundo aniversário de inauguração da Rádio Difusora de Macapá, em 7 de setembro de 1948, foi realizada a primeira transmissão ao vivo, direto do Campo da Praça Capitão Augusto Assis de Vasconcelos, atual Praça Veiga Cabral, pelo jogo da 5ª rodada do campeonato amapaense entre os times Amapá Clube e Esporte Clube Macapá. O árbitro da partida foi Aurino Borges de Oliveira, popularmente conhecido por Tenente, filho do pecuarista e comerciante, Ernestino Borges. A partida terminou empatada pelo placar de 1 a 1. As duas equipes atualmente fazem, na

linguagem esportiva, o clássico “vovô na competição estadual”, referência por ser antigo. Quem cobriu e narrou o jogo foi o Dr. Marcílio Figueiras Viana, servidor destacado para função, através da Divisão de Educação do Amapá, atual Secretaria de Estado de Educação.

A importância da Difusora e de seus comunicadores também é ressaltada por Garcia (2009, p.16): “Na crônica esportiva se destacou a figura de Francisco Sales de Lima, o ‘Chicão’, que difundia o futebol pelo estado, por meio da Rádio Difusora de Macapá, a mais antiga emissora amapaense, com um relato fidedigno do que acontecia no gramado”.

No ano de 1975, foi inaugurada a TV Amapá, como parte da Rede Amazônia de Rádio e Televisão, de propriedade de Phelippe Daou. A afiliada da Rede Globo no Amapá foi responsável pelo primeiro programa televisivo destinado ao esporte no Amapá, “A Bola é Nossa” (CAMPOS, 2018, p.15). Anos depois, a emissora passou a retransmitir as partidas de TV aberta disponibilizadas pela sede no Rio de Janeiro, além do Globo Esporte, que há alguns anos passou a contar com edições locais.

De acordo com Scheibe e Augusto (2013, p.4), no referido ano o estado contava com “cinco jornais impressos, diários e semanais; 12 emissoras de rádio, entre elas duas rádios AM; oito emissoras de televisão; três sites; e três blogs reconhecidos”. Deste apanhado até o momento, ao menos um jornal impresso deixou de circular. Trata-se do Jornal do Dia, que fundado em 1987, descontinuou sua versão em papel e publica apenas online.

Sendo o escopo deste memorial a realização de uma grande reportagem, o pesquisador fez buscas para verificar o tipo de publicação impressa local à disposição do leitor macapaense e eventual conteúdo esportivo. Em busca realizada nas bancas de jornais de Macapá, além da interrupção de circulação da versão impressa do Jornal do Dia, verificamos a circulação diária de ‘A Gazeta’ e do ‘Diário do Amapá’. Encontrou-se também à disposição ‘O Amapá’, que se propõe semanal, mas na banca consultada em 8 de setembro de 2018, a última edição recebida datada de 3 de agosto do mesmo ano. Este último, por sua periodicidade semanal trazia notícias “frias” na edição de nº 560, além de grande variedade de publicidades ao longo de suas oito páginas.

A edição nº 7.296 do Diário do Amapá traz um caderno principal, além de editoriais específicas, em cadernos distintos: Política, Cidades, Polícia, Esportes, Nota 10 e Classificados. O caderno esportivo trouxe 18 matérias, das quais 4 tratavam de temas locais. A Gazeta, por sua vez, na edição nº 30.571, apresenta caderno único, dividido em variadas editoriais. Havia apenas uma matéria tratando de esporte, cujo assunto era o chaveamento do Mundial de Clubes da FIFA em dezembro deste ano.

A única revista de circulação local encontrada foi a Revista Diário, com edições mensais. A penúltima edição, de nº 27, também disponível online, trazia artigos, colunas, quatro matérias e uma entrevista. Uma das matérias traça o perfil de Agostinho Lopes, presidente da Federação Amapaense de Basquetebol. A edição imediatamente anterior teve a mesma configuração. Desta vez, o esportista destacado foi Umbelino Lobato, e matéria de capa (de quatro páginas) era sobre José Sarney.

As revistas esportivas de circulação nacional são esparsas em Macapá. Um jornalista entrevistado informou que após um percentual elevado de devoluções à editora, a Abril parou de remeter edições mensais da Placar à Macapá, alegando o custo elevado do frete, diante do baixo número de vendas nas bancas. A edição mais recente da tradicional revista esportiva datava de agosto, e se tratava do Guia do Segundo Semestre, trazendo majoritariamente informações dos clubes da elite nacional para a metade final de 2018.

Futebol Amapaense

A bibliografia capaz de auxiliar um pesquisador a contextualizar o futebol amapaense é consideravelmente pequena. O material que agrupa de maneira mais clara e concisa o assunto é o livro “Bola de Seringa: a história do futebol amador amapaense, 1940-1990”, publicado em 2009 por Leonai Garcia. Além do livro, o contexto histórico nos apresenta alguns trechos de jornais com manchetes e notícias de décadas anteriores. Existem ainda as produções acadêmicas que por ocasião entrevistam nomes importantes do esporte amapaense, além de alguns livros que tratam do jornalismo tucuju e complementam certas lacunas nesta linha do tempo.

Pela descrição de Garcia (2009, p.19-20) é possível inferir que antes da década de 1940, o futebol em Macapá era puro lazer:

Na Rua da Praia [hoje rua Beira Rio], considerada a parte baixa da cidade, havia dois campos de futebol de várzea. Ali a bola rolava livremente. A parte de cima da cidade, onde foi construída a Igreja Matriz de São José, tinha o seu largo [hoje Praça Veiga Cabral], onde fizeram um campo de futebol, inicialmente um verdadeiro campo de pelada. Depois, nos anos 40, com as medidas oficiais e as demarcações exigidas pelas regras do futebol oficial. Um gol ficava para o lado da igreja e o outro, para o lado da rua Cândido Mendes. Nesse campo começou de fato a prática do futebol em Macapá. (GARCIA, 2009, p.19-20).

Neste período da história, é importante frisar, o Amapá ainda não havia se transformado em Território Federal, sendo parte do Pará até 13 de setembro de 1943; o rádio também não

havia cruzado o Rio Amazonas (que divide Pará e Amapá), isto é, “os anos 1940 mostram uma cidade de Macapá com aspecto de vila, cujos limites definiam um quadrilátero de poucos quilômetros quadrados” (GARCIA, 2009, p. 19).

O primeiro clube de Macapá foi o Panair, “formado por funcionários da empresa aérea que ligava Macapá, então, município do estado do Pará, ao resto do Brasil” (GARCIA, 2009, p. 21). Quatro anos depois, em 14 de julho de 1944, foi substituído pelo Esporte Clube Macapá, de quem herdou até o distintivo, que sofreu apenas a retirada de uma asa na parte de baixo do escudo (GARCIA, 2009, p. 21). Em 1941, foi fundado o SESP por funcionários desta fundação de saúde; em 26 de fevereiro de 1944, deu origem ao Amapá Clube (GARCIA, 2009, p. 21), considerado o clube de futebol mais antigo do Amapá. No momento, a instituição está com as atividades suspensas, “emprestando” o título de mais antigo em atividade ao Leão da FAB. Na sequência, viriam o São José (1946), Trem (1947), Latitude Zero (1953), Juventus (1954), Guarani (1955), CEA Clube (1958) e Ypiranga (1963) (GARCIA, 2009, p. 22).

Os primeiros campeonatos de futebol no Amapá ocorreram no que hoje se chama Praça Veiga Cabral, e somente no ano de 1950 passaram a ter o estádio Glicério de Souza Marques (na época “Estádio Municipal de Macapá”) como palco das disputas. Ainda na década de 1950, foi construído Estádio Augusto Antunes (Santana) pela ICOMI (Indústria e Comércio de Minérios S.A); já em 1990 foi inaugurado o Milton de Sousa Corrêa, popularmente chamado de Zerão (GARCIA, 2009, p. 13), sendo estes os três principais estádios do Amapá.

O maior campeão estadual no Amapá é o Macapá, com 17 títulos. Na sequência estão Amapá (10), Ypiranga (9), Santana (7), São José e Santos (6), Independente e Trem (5) e Juventus (3). CEA, Guarany, Aliança, Cristal e Oratório possuem um título cada (DA SILVA e FEITOSA, 2018, online).

O futebol amapaense nunca conquistou um título nacional, cabendo a seus clubes um papel de lapidar talentos e os ver sair para os grandes centros do futebol, além de fomentar a paixão pelo esporte no âmbito estadual. Macapá, Trem (pentacampeão) e Independente conquistaram o Torneio de Integração da Amazônia, que reunia clubes do Acre, do Amapá, de Rondônia e de Roraima entre 1975 e 1990 (DUARTE, 2003). Atualmente, o campeão estadual do Amapá tem vaga na próxima edição da Copa do Brasil, da Copa Verde (disputada por clubes do Norte, Nordeste, Centro-Oeste e do Espírito Santo) e da Série D do Brasileirão (o vice-campeão também tem vaga nesta última).

Os primeiros pontos de parada para os atletas tucujus são as equipes do Pará e do Amazonas, de onde geralmente se projetam aos clubes da elite nacional. Bira e Aldo do Espírito Santo, irmãos, são dois exemplos. Iniciaram carreira nas equipes de Macapá, passaram por

Remo e Paysandu até chegarem a Internacional e Fluminense, respectivamente. Cada um conquistou um Campeonato Brasileiro por estas equipes: Bira, invicto em 1979, e Aldo em 1984, sendo inclusive cotados para a seleção Brasileira.

Aldo e Bira iniciaram a carreira no Macapá entre 1974 e 1975. Após a conquista da primeira edição do Torneio de Integração da Amazônia, Bira foi levado ao Paysandu antes de se transferir ao Remo e ao Internacional de Porto Alegre. Aldo seguiu os passos do irmão e em 1976 rumou a Belém assinar com o Paysandu. Seis anos depois, em 1982, rendeu quatro milhões de cruzeiros à equipe paraense quando transferiu-se ao Fluminense do Rio de Janeiro (GARCIA, 2009, p. 55-57; 71-78). Os irmãos ilustram bem a situação dos clubes amapaenses, que revelam importantes jogadores, mas os vêm rumar ao sul antes de alcançarem o ápice de suas carreiras.

Bira

Ubiratan Silva do Espírito Santo nasceu em 20 de maio de 1955 em Macapá. Seu pai Herundino, alfaiate de profissão, atuou no futebol paraense e amapaense. Bira, como é conhecido, iniciou sua carreira no Esporte Clube Macapá, no início da década de 1970, seguindo os passos dos três irmãos mais velhos: Marco Antônio, Haroldo e Francisco de Assis, que já atuavam na equipe. A família ficou completa com a chegada de Aldo, o mais novo da família, no elenco do Macapá. Juntos, conquistam a primeira edição da Copa Integração da Amazônia em 1975 pela equipe macapaense.

Em 1976, Bira foi levado ao Paysandu, tradicional equipe de Belém. Após vencer o Campeonato Paraense daquele ano pela equipe bicolor, teve seu contrato invalidado pela CBD (Confederação Brasileira de Desportos) em razão de adulterações no contrato por parte de dirigentes do Paysandu. Vendo-se em meio a um imbróglie jurídico, o atleta recebeu proposta do Remo, maior rival do Paysandu. O salário proposto e a assessoria jurídica do clube azulino influenciaram na decisão de Bira, que assinou com o Remo.

Na nova equipe, foi campeão estadual em 1977, 1978 e 1979, sendo artilheiro de duas edições e ostentando até hoje o recorde de 32 gols marcados em uma edição (1979). Em 1978, o Remo terminou a Copa Brasil (equivalente ao atual Campeonato Brasileiro) na sexta posição. Ao todo, Bira marcou 132 gols pelo Clube do Remo. O desempenho formidável chamou a atenção das grandes equipes do país, como Flamengo e Internacional.

Vendido ao clube gaúcho após o campeonato paraense de 1979, Bira foi campeão brasileiro de forma invicta com o Inter naquele ano, feito nunca mais repetido no futebol

nacional. A conquista marca o auge da carreira de Ubiratan, que no ano seguinte ainda foi vice-campeão da Libertadores pelo Colorado.

Na sequência, foi emprestado ao Universidad Guadalajara do México antes de ser negociado com o Atlético Mineiro. Em Minas, foi campeão Estadual em 1982, antes de seguir ao Juventus de São Paulo, onde venceu a Taça de Prata (equivalente à Série B atual) em 1983. Ubiratan rodou por outras equipes do futebol brasileiro antes de voltar a Macapá: Novo Hamburgo (RS), Náutico (PE), Central (PE), Catuense (BA), Brasil (RS), Tiradentes (CE) e Vila Nova (PA).

No fim da carreira, recebeu alguns convites e trabalhou como treinador em Belém e Macapá, mas firmou-se como comentarista no Amapá, trabalhando atualmente na Rádio Difusora (AM 630).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia apresentada neste memorial e aplicada durante o projeto experimental a que se refere tem por base as seguintes obras: ‘Como Elaborar Projetos de Pesquisa’ (GIL, 2002), ‘Métodos e técnicas de pesquisa social’ (GIL, 2008), ‘Fundamentos de Metodologia Científica’ (LAKATOS E MARCONI, 2003) e ‘Manual do Jornalismo Esportivo’ (BARBEIRO e RANGEL, 2013).

Seguindo a proposta de Gil (2002, p. 41-57), a seção está dividida de acordo com os objetivos de pesquisa e os procedimentos técnicos utilizados. A proposta de organização de Gil, nestes dois grupos, pareceu mais interessante ao pesquisador.

Sobre os objetivos de pesquisa

De acordo com a classificação de Gil (2008, p. 27-29), o presente trabalho se enquadra primordialmente como uma pesquisa descritiva, pois tem como “objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2008, p. 28). Ainda de acordo com o referido autor, “algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação. Neste caso, tem-se uma pesquisa descritiva que se aproxima da explicativa” (GIL, 2008, p. 28). Como uma pesquisa jornalística, o trabalho se adapta a esta segunda variável, levando em consideração a análise crítica e interpretação dos dados coletados, ao invés de uma simples descrição.

Os procedimentos técnicos adotados

Lakatos e Marconi (2003, p. 174) denominam ‘Documentação Indireta’ como o conjunto de pesquisas documentais e bibliográficas que acompanham o pesquisador em sua jornada científica. Ainda que possa ser considerada trivial, a importância deste tipo de pesquisa é ressaltada pelas autoras: “Esse material-fonte geral é útil não só por trazer conhecimentos que servem de *back-ground* ao campo de interesse, como também para evitar possíveis duplicações e/ou esforços desnecessários; pode, ainda, sugerir problemas e hipóteses e orientar para outras fontes de coleta” (LAKATOS E MARCONI, 2003, p. 174).

A pesquisa bibliográfica

Em um primeiro momento, o pesquisador busca o material já disponibilizado publicamente para iniciar sua pesquisa. É necessária tal busca para que o autor possa conhecer aquilo que já foi publicado e produzido sobre seu tema de trabalho e assim possa conduzir sua pesquisa de maneira inovadora, mas sem abrir mão da coerência em relação aos pesquisadores que o precederam. Esta fase é denominada pesquisa bibliográfica e abrange “desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão” (LAKATOS E MARCONI, 2003, p. 183). Este método foi empregado desde o processo decisório da temática até o final do produto, servindo de apoio às construções das variadas etapas.

A pesquisa documental

Mais adiante, no decorrer do trabalho, o pesquisador pode se deparar com novas fontes que lhe auxiliam na condução do projeto, passando então para a pesquisa documental. Gil (2008, p. 51) elucida a diferença dos dois métodos: “Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”. A pesquisa e análise de materiais ainda não publicados/divulgados precisa ser cuidadosa, buscando sempre

confirmar a veracidade daquilo que se apresenta. Pôde ser aplicada quando tivermos acesso ao arquivo pessoal de Bira, com diferentes materiais não catalogados e sem tratamento prévio.

O estudo de campo

Estudo de campo, dada a atividade jornalística realizada na grande reportagem, também se torna um procedimento adotado. Gil (2002, p. 53) descreve desta maneira estudo de campo:

Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias.

Apesar de não ser efetivamente um estudo de campo, a pesquisa traz consigo uma bagagem deste tipo de estudo. O fato de focar-se principalmente no objeto de estudo, imergindo no universo que o cerca, e exigir do pesquisador a busca por materiais corrobora com a vinculação parcial: “No estudo de campo, o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo” (GIL, 2002, p. 53). A aplicação do estudo de caso neste projeto deu-se durante a produção e a prática jornalística em si. Por também atender a demandas científicas, a vivência aproximada ao objeto de estudo assim como a experiência gerada, destacam sua participação no projeto.

Formas e métodos de entrevista

Lakatos e Marconi (2003, p. 190) incluem a entrevista como parte da Observação Direta Intensiva. A definição das autoras é a seguinte: “A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional” (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 195). A importância da entrevista para a pesquisa social é ressaltada tanto pelas autoras quanto por Gil (2008, p. 109), que ressalta o fato de que “muitos autores consideram a entrevista como a técnica por excelência na investigação social”.

Enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes (SELLTIZ ET AL., 1967, p. 273 apud GIL 2008, p. 109).

A modalidade de entrevista realizada na pesquisa é a focalizada. É tratada por Lakatos e Marconi (2003, p. 197) como parte de um grupo de entrevistas ‘não-estruturadas’, nas quais “o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada” (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 197). Por sua vez, o fato de ser focalizada, confere ao entrevistador a possibilidade de guiar a conversa: “O entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada” (GIL, 2008, p. 112). Tanto Lakatos e Marconi (2003, p. 197) quanto Gil (2008, p. 112) ressaltam que o entrevistador necessita habilidade e perspicácia para conduzir esse tipo de entrevista de maneira satisfatória.

Os autores convergem seus trabalhos a fim de ressaltar a importância de uma preparação adequada para a entrevista. Lakatos e Marconi destacam seis itens, abaixo transcritos, essenciais a uma boa entrevista:

- a) Planejamento da entrevista: deve ter em vista o objetivo a ser alcançado.
- b) Conhecimento prévio do entrevistado: objetiva conhecer o grau de familiaridade dele com o assunto.
- c) Oportunidade da entrevista: marcar com antecedência a hora e o local, para assegurar-se de que será recebido.
- d) Condições favoráveis: garantir ao entrevistado o segredo de suas confidências e de sua identidade.
- e) Contato com líderes: espera-se obter maior entrosamento com o entrevistado e maior variabilidade de informações.
- f) Conhecimento prévio do campo: evita desencontros e perda de tempo.
- g) Preparação específica: organizar roteiro ou formulário com as questões importantes (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 199).

Entrevista no Jornalismo Esportivo

Como forma de complementar às contribuições metodológicas apresentadas até o momento, apresenta-se a obra de Barbeiro e Rangel, ‘Manual do Jornalismo Esportivo’, esta que traz importantes contribuições sobre a especialização da entrevista no âmbito esportivo.

A maioria das entrevistas na área esportiva, porém, é totalmente viciada. As perguntas são previsíveis, as respostas mais ainda. [...] O jornalista esportivo, quando está diante de um entrevistado, deve saber que é o representante do público diante deste tema. Uma pergunta bem colocada instiga o público como se fosse ele, público, o entrevistador (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 36).

Há, de fato, um estigma no jornalismo esportivo direcionado ao nível das respostas dos atletas, relatando-as como rasas. Os autores, entretanto, chamam a atenção à responsabilidade do jornalista nesse processo: “Dizem que jogador fala sempre a mesma coisa. Não será porque as perguntas também são sempre as mesmas?” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 36).

O papel do jornalista esportivo e sua conduta profissional, buscando sempre o aperfeiçoamento e novos conhecimentos é preponderante, mas a habilidade de contar histórias permanece essencial: “Já nos veículos impressos cabe ao jornalista descrever o que vê, a ambientação e o grau de emotividade do entrevistado” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 36).

Mais adiante, essa característica é ressaltada novamente: “Ouça o atleta, o dirigente, o treinador e busque outros detalhes da vida dessas pessoas, detalhes que vão muito além do que acontece em um jogo ou em uma competição. Fuja do trivial e do lugar-comum” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 37).

Em uma grande reportagem, como a que compõe este trabalho, é essencial a observância das indicações apresentadas, no sentido de torná-lo um material completo, rico em conteúdo e capaz de cativar o leitor durante todo o texto. Ao todo foram realizadas duas entrevistas com o personagem biografado, gerando um conteúdo de duas horas e vinte minutos de áudio. Da mesma forma, personagens envolvidos na história de Bira também foram ouvidos para enriquecer o conteúdo gerado.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O produto resultante deste projeto experimental é a grande reportagem intitulada “Bira, o atacante do meio do mundo que conquistou o Brasil”. A reportagem é de cunho biográfico, tem 24.085 toques e busca aproximação ao chamado “Novo Jornalismo”, com um tom literário na construção textual. Conta com a reportagem fotográfica de Daian Andrade (turma de 2013 do curso de Jornalismo da UNIFAP) e diagramação de Renato Atayde Andrade (turma de 2014 do curso de Jornalismo da UNIFAP).

Definição do biografado e construção do projeto

Como já exposto em itens anteriores, o Amapá é um estado formador de atletas do futebol, vindo-os partir ainda jovens às grandes metrópoles brasileiras em busca de novas equipes e, certamente, melhor remuneração. Bira (Ubiratan Silva do Espírito Santo), o personagem escolhido para este projeto, é um destes atletas. Saiu na metade da década de 1970 do Amapá, época em que o futebol local ainda era amador, rumando a Belém.

Dentre tantos outros ex-atletas, a escolha de Ubiratan se justifica pela profícua e exitosa carreira a nível nacional; honraria esta, restrita a um número menor de amapaenses. Bira acumulou na carreira títulos estaduais no Amapá, Pará, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Pernambuco. Foi além, sagrando-se campeão do extinto Torneio Integração da Amazônia com o E.C. Macapá em 1975, campeão brasileiro invicto em 1979 com o Internacional e da Taça de Prata (equivalente à segunda divisão) com o Juventus, tradicional clube de origem italiana da cidade de São Paulo, em 1983. É um dos maiores artilheiros da história do Clube do Remo, com mais de cem gols marcados e ostenta até hoje a marca de mais gols marcados em uma única edição do campeonato paraense: 32. Tais distinções e honrarias qualificam Bira como um personagem de peso histórico, justificando sua escolha para a grande reportagem.

Some-se a isto, o fato do Amapá ter uma reduzida quantidade de grandes reportagens esportivas com a profundidade técnica, assim como a inexistência de produto semelhante ao realizado envolvendo os atletas amapaenses de renome, clarificando seu ineditismo, como justificativas à sua construção.

A definição do personagem ocorreu durante pesquisas sobre o futebol amapaense, tanto em trabalhos acadêmicos quanto em livros. Vale ressaltar a também restrita literatura sobre o futebol local, representada, basicamente, pelo livro “Bola de Seringa: a história do futebol amador amapaense, 1940 – 1990” de Leonai Garcia. O livro traz um breve perfil de diversos ex-jogadores amapaenses que o autor julga relevantes no período mencionado, época em que o Amapá era Território Federal. Observado os listados nesta obra, identificou-se Bira como um dos expoentes do futebol tucuju para além do Rio Amazonas.

Na sequência, realizou-se extensa pesquisa para traçar um perfil aprofundado do futuro entrevistado, realizando levantamento bibliográfico e documental, incluindo-se aí desde vídeos de seu período em atividade até matérias jornalísticas em que foi citado ou entrevistado. Foi, por exemplo, utilizado como fonte de entrevista em matéria do Globo Esporte AP sobre o falecimento do comentarista Mario Sérgio em 2016, por ter atuado com ele no Internacional,

assim como em reportagem sobre os atuais problemas do E.C. Macapá, clube que o revelou para o Brasil. Verificou-se, ainda na década de 1970, por parte de estudantes da Universidade Federal do Pará (UFPA) uma edição específica do Jornal Resistência intitulada “Bira e Dario abrem o jogo”, com entrevistas (perguntas e respostas) dos dois atletas de Remo e Paysandu, respectivamente. No âmbito acadêmico amapaense, foi entrevistado em 2017 junto com seu irmão Aldo pelos alunos Amanda Paiva, Cliver Campos e Ivo Pantoja no Cuíra, jornal do curso de Jornalismo. O texto, porém, tratava da carreira da dupla e conta com somente uma fotografia, ressaltando a novidade do presente projeto experimental na diferença de tratamento dada ao material coletado e ao personagem. O Arquivo Histórico do S.C. Internacional também foi acionado e conseguiu remeter-nos documentos de grande valor histórico para o projeto.

Recolhidos os dados, passou-se a uma compilação dos fatos marcantes na vida e carreira de Bira de maneira cronológica, de modo a facilitar a redação de perguntas capazes de auxiliar a contar cada etapa de sua vida. Buscou-se dar importância a fatores “extra-campo”, particulares do entrevistado. A escolha foi realizada levando em consideração que, na carreira de atleta, Ubiratan deve ter ouvido uma série de perguntas corriqueiras e talvez até criado um roteiro mental de respostas. A proposta apresentada não excluiu esse tipo de pergunta, mas também deu preferência àquelas que trouxessem à tona o lado menos conhecido de Bira, antes, durante e depois de sua carreira.

Bira foi localizado com o auxílio do colega Daian Andrade. No primeiro contato, Bira se mostrou receptivo à proposta, entretanto informou que no dia seguinte partiria a Belém em viagem curta. Aguardamos seu retorno e realizamos agendamento de entrevista. Para surpresa da reportagem, Bira espontaneamente preferiu marcar a entrevista na casa que foi de seus pais. Lá, estão localizadas as lembranças das pelas equipes em que atuou, com destaque às de Remo e Inter, onde teve mais sucesso. A casa fica na chamada “Calçada da Fama”, no bairro do Trem, e foi reformada por Bira na época de jogador, fato do qual se orgulha.

Durante esta primeira visita, cumpriu-se aproximadamente dois terços do roteiro programado, em duas horas de entrevista. Aproveitou-se a oportunidade para sondar o entrevistado sobre uma sessão de fotos em um estádio local. A proposta foi bem recebida e seguimos na produção. Tentou-se, em primeiro momento, cumprir esta etapa no Estádio Municipal Glicério Marques, o principal do Amapá na época em que Ubiratan atuava. Entretanto, a Assessoria de Comunicação da Coordenadoria Municipal de Esporte e Lazer nos negou o pedido, informando que o estádio está interditado pelo Ministério Público do Amapá. Entendeu-se a Fortaleza de São José como uma possibilidade muito explorada na comunicação

amapaense e então buscamos a Secretaria de Desporto e Lazer do Amapá, responsável pela administração do Estádio Estadual Milton de Souza Corrêa, popularmente conhecido como Zerão, de quem tivemos autorização para a realização da sessão fotográfica. A incongruência histórica (o Zerão foi inaugurado em 1990, após a aposentadoria de Bira) foi evitada com a utilização principalmente do perímetro da “grande área” do Hemisfério Sul, sem construções de cena que destacassem o estádio que abrigava a sessão de fotos.

No agendamento da segunda entrevista e da visita ao Estádio Zerão tivemos alguns percalços. Bira, que é escalado na equipe de transmissão da Rádio Difusora para diversas transmissões no campeonato estadual e no intermunicipal (amador), não pôde comparecer a dois agendamentos realizados. Procurado na rádio, lamentou o ocorrido, mas se colocou à disposição do prosseguimento do projeto. Após a nova investida, conseguimos levá-lo e realizar a sessão fotográfica. Para esta, utilizou-se ideias para as composições do site *Printerest*, adaptadas ao case de Bira. Solicitamos que levasse suas camisas que remetiam aos clubes por onde passou, providenciou-se uma bola de futebol com visual mais antigo além de cabides, utilizados na composição de algumas fotos. Após a sessão, rumamos para a casa dos pais de Bira, finalizando a entrevista e coletando material fotográfico na “Sala de Troféus” do entrevistado, composta por troféus, excertos de jornais onde é citado, além de fotos com a família e famosos.

Justificativas à construção textual

Com relação à reportagem, Lima (2009, p. 19-20) destaca o seguinte:

... no final da década de 1910 a imprensa norte-americana enfrenta um dilema. Já existe o telégrafo, as agências noticiosas estão a pleno vapor, o volume de informações que o leitor norte-americano é brindado pelos jornais é considerável, mas mesmo assim é surpreendido com a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Descobre-se então que a imprensa estava muito presa aos fatos, ao relato das ocorrências, mas era incapaz de costurar uma ligação entre eles, de modo a revelar ao leitor o sentido e o rumo dos acontecimentos. É a partir dessa deficiência que o público passa a esperar um tratamento informativo de maior qualidade (LIMA, 2009, p. 19-20).

Compreendendo, então, a importância da reportagem em um fazer jornalístico aprofundado e reflexivo, partimos à sua variação utilizada neste projeto, a grande reportagem. Esta, é definida como tal “quando o aprofundamento é extensivo e intensivo, na busca do entendimento mais amplo possível da questão em exame” (LIMA, 2009, p. 24).

Seguindo na linha de descrição do material construído, chegamos à biografia. Villas Boas (2002, p. 18) a define como “a compilação de uma (ou várias) vida(s). [...] O que interessa é a escrita e o autor, a criação e a publicação, o personagem e sua interpretação”. O mesmo autor destaca a ideia do jornalista como construtor de informações periódicas, mas que este não é seu único método de trabalho:

Uma delas [modalidades para ajudar os leitores a compreender o passado] é não-periódica, cobre amplas faixas de tempo, interage com várias áreas de conhecimento (a História e a Sociologia incluídas), possui mecanismos sofisticados de captação da realidade distante e imediata e de estruturação e redação de texto: o livro-reportagem.
 [...] Biografias têm enfoque humano pela via de escrita impressa, mas alguns possuem elementos jornalísticos, como o compromisso com os fatos (passado) e com a clareza (acessibilidade).
 Como prática jornalística avançada, a biografia, tal qual o livro-reportagem, pode inspirar-se no legado do Novo Jornalismo (New Journalism)” (VILLAS BOAS, 2002, p. 20).

Considerando, portanto, a capacidade do Jornalismo expressar-se através das grandes reportagens biográficas, seguindo seus preceitos norteadores, destacamos ainda as quatro possibilidades de captação e narração dentro do Jornalismo Biográfico, de acordo com Villas Boas (2002, p. 78): “pesquisar, aprofundar, interpretar e criar”.

Lima (2009, p. 51) e Villas Boas (2002, p. 93) destacam em suas obras a definição de um material jornalístico biográfico do tipo perfil, que julgamos ser o mais adequado para o presente projeto. Villas Boas (2002, p. 93), que cita Sodré & Ferreira (1986), afirma que “deve ser chamado de perfil o texto que enfoca um personagem, protagonista de uma história (a de sua própria vida)”, enquanto Lima (2009, P. 51), ao descrever a definição de Livro-reportagem-perfil, diz que esse tipo de obra “procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública”.

Em relação ao chamado “Novo Jornalismo”, guardadas as devidas proporções, buscamos uma aproximação tendo como exemplo a construção do material e o tratamento dado às informações. Gay Talese, um dos expoentes deste movimento, destaca o seguinte: “Os escritores que eu admirava em geral levavam semanas e meses fazendo o trabalho de apuração e de organização, de escrever e reescrever, antes que os artigos pudessem ser considerados dignos de ocupar o espaço da revista” (TALESE, 2004, p. 510).

Por fim, cito Humberto Werneck (2004, p. 525) para deixar claro a fixação deste trabalho no âmbito jornalístico, não no literário. No posfácio de Fama e Anonimato de Talese, Werneck brilhantemente descreve o anseio deste projeto:

Pois não basta que a informação seja bem apurada: é preciso que ela – e, portanto, o leitor – seja bem tratada. Não como atitude de alguém que, no fundo, preferisse estar fazendo literatura. Nada disso. Ao se valer de instrumentos da narrativa de ficção, o bom jornalista, longe de querer embelezar seu texto, está empenhado numa indispensável empreitada de sedução – sem a qual corre o risco de simplesmente não ser lido. O que quer é um relato, não mero relatório. No que se refere à busca da informação, para começar, Gay Talese pertence ao time dos repórteres que saem à rua. O rótulo, que em outros tempos soaria galhofeiro, acabou por se converter em amarga ironia, à medida que se foi tornando rarefeita a categoria dos repórteres que se põem em campo à cata da notícia (WERNECK, 2004, p. 525).

Construção textual

Observando o apresentado nas definições de Lima (2009) e Vilas Boas (2002), assim como suas ponderações de construção narrativa somadas às opiniões de Talese (2004) e Werneck (2004), buscou-se a criação de um texto que colocasse tais propostas em prática, dentro do contexto jornalístico amapaense.

No início do produto, por exemplo, adotou-se um tom mais literato, na tentativa de envolver e atrair o leitor. No decorrer do projeto, as construções textuais e transições de um assunto a outro foram realizadas de modo a favorecer o interesse e manter a atenção do leitor. Buscou-se, também uma definição mais ampla das questões esportivas, favorecendo a compreensão textual também ao público pouco familiarizado com os termos técnicos do futebol, assim como adotou-se a descrição do estado de origem dos clubes menos conhecidos.

Ainda com relação ao texto, buscou-se uma construção de maneira cronológica para auxiliar o leitor a entender a vida de nossa personagem, no caso, o ex-jogador Bira. Tal característica foi decidida como mais favorável do que uma leitura não-linear da história contada. Aproximando o lado humano da personagem, buscou-se tratar de sua vida antes e após os gramados, assim como questões extra-campo durante seu tempo de jogador.

Uma “pesquisa de rua” nos ajudou a construir também um material mais rico e fidedigno. Um exemplo é o famoso apelido de Bira, “Burro”, apregoado pela imprensa do Sudeste por ter ele, supostamente, deixado de ir ao Flamengo para se juntar ao Internacional. Uma pesquisa mais aprofundada, assim como a própria versão de Bira, validada com informações auxiliares, ajuda a desfazer essa injustiça durante o texto. O trabalho de pesquisa executado também é de suma importância neste momento, para que haja capacidade de buscar fatos e informações capazes de validar informações e datas fornecidas pelo entrevistado.

Justificativas à diagramação

Bann (2010), recompondo um pouco da história da produção gráfica, ressalta a evolução das técnicas de composição nos últimos anos: “Até meados dos anos 1990, a composição era realizada por empresas especializadas, que forneciam páginas de filme em vez de arquivos digitais, utilizando equipamentos de fotocomposição dedicados (e, em geral, caros)” (BANN, 2010, p. 48).

O mercado gráfico atual percebeu mais agilidade na execução de tarefas editoriais, mesmo em pequenas tiragens:

Compositores muitas vezes utilizam o QuarkXPress ou o InDesign, mas algumas empresas também oferecem aplicativos de composição mais especializados, que compõem páginas complexas (com fórmulas matemáticas complicadas ou escritas em outros idiomas) em alta velocidade, e convertem bancos de dados em páginas diagramadas.

O efeito destas inovações diminuiu significativamente os custos e os prazos, tornando a impressão de quantidades bem menores mais econômica, sobretudo quando a “composição” é combinada internamente com a capacidade de pequenas tiragens da impressão digital (BANN, 2010, p. 48).

Collaro (2000, p. 94) nos auxilia na compreensão dos aspectos técnicos da diagramação, e, destaca que a elaboração do diagrama é preponderante para uma boa qualidade estética. Também destaca as características positivas e negativas de cada escolha para o número de colunas, falando da aplicabilidade e cuidados necessários com cada escolha.

Em relação à composição das páginas internas de uma revista, foco principal deste projeto, Collaro (2000, p. 101) explica: “O estilo criado e a colunagem das páginas ficam a critério de quem projeta, levando sempre em conta as viabilidades técnicas ligadas à periodicidade do veículo e à legibilidade” (COLLARO, 2000, p. 101).

O resultado da composição gráfica criada depende de diferentes fatores, que somados e interagindo, proporcionarão o visual. Sobre este aspecto, Collaro (2000) destaca: “A legibilidade da página está ligada à tipologia relacionada à forma da letra, à variação da largura das colunas, que possibilitam o uso racional do branco e dinamizam a leitura através do jogo de formas” (COLLARO, 2000, p. 104).

Ainda sobre o projeto gráfico, Collaro (2000) chama atenção ao uso racional das cercaduras: “Também conhecidas como boxes, são um recurso utilizado para destacar determinada matéria, contornando-a com filetes. [...] O excesso de uso desse recurso pode resultar em ilegibilidade e confusão, pela poluição visual provocada” (COLLARO, 2000, p. 105).

Diagramação

O desenvolvimento da diagramação teve como inspiração o design da Revista Placar, conhecida revista esportiva brasileira. Nela, há alternância entre diagramas de duas e três colunas, destaque às imagens “quebrando a monotonia das colunas” e bom uso do branco no fundo da composição. O designer da grande reportagem foi Renato Atayde e a reportagem fotográfica do projeto foi de Daian Andrade.

O projeto gráfico realizado para a grande reportagem “Bira, o atacante do meio do mundo que conquistou o Brasil” foi executado no programa CorelDraw X7 e buscou na leveza da disposição do conteúdo sua essência. Utilizou-se o diagrama de três colunas em toda a reportagem, levando em consideração o exposto por Collaro (2000): “O diagrama [...] mais utilizado para revistas é o de três colunas, que proporciona um visual trivial mas eficiente, devido à largura que comporta” (COLLARO, 2000, p. 95).

A diagramação do projeto utilizou as fontes News 706 BT e ETNA, ambas serifadas, com o intuito de facilitar a leitura. Nas legendas optou-se pela não-serifada Century Gothic. O texto, de 24.085 toques, foi disposto em treze páginas diagramadas. Na paleta de cores utilizada destacam-se o preto (tradicional; no texto da reportagem), tons de azul escuro e claro (em referência às cores do Macapá, Paysandu e Remo, equipes por onde atuou no norte do Brasil; no título, subtítulos e frases-destaque) e dourado (em referência à carreira exitosa de Bira; no box sobre a Dona Delmira).

As cores, assim como fotografias e ilustrações, ajudam a cadenciar a leitura, promovendo pequenas pausas no decorrer do texto (AMBROSE, 2007, p. 103), e por esta razão, aproveitou-se as imagens utilizadas de maneira sazonal, quebrando, inclusive, os limites das colunas textuais em direção às margens laterais. Em outras imagens, ocupou-se duas colunas, também com o objetivo de não deixar monótona a leitura. Em relação às margens, o destaque ficou para a superior, proporcionando um descanso visual ao leitor a cada nova página. Considerando a sugestão de Collaro (2000, p. 105), adequou-se a disposição do texto das colunas próximas ao box utilizado, para dinamizar a leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste projeto foi possível um contato mais próximo à realidade da comunicação amapaense, em especial dos conteúdos impressos e suas peculiaridades. Pôde-se conhecer de forma mais detalhada a história do jornalismo esportivo em âmbito nacional e local e compreender, através do conhecimento científico, importantes questões inerentes à prática jornalística atual.

Tal conhecimento aprofundou-se e foi colocado em prática na produção e execução da grande reportagem biográfica “Bira, o atacante do meio do mundo que conquistou o Brasil”, contando a história de um dos jogadores de maior sucesso do Amapá. A construção de um produto jornalístico justificado cientificamente através de um memorial descritivo prova que teoria e prática podem e devem andar lado a lado, e tal junção mostra-se positiva e proveitosa para o campo acadêmico amapaense, capaz de entregar profissionais preparados ao mercado de trabalho.

A pesquisa, no âmbito científico, foi descritiva com aproximações à pesquisa explicativa. Os métodos adotados (pesquisas bibliográfica e documental, estudo de campo e entrevista) permitiram uma construção aprofundada deste material, assim como foram de grande contribuição à realização da grande reportagem. Levando em consideração uma proposta de jornalismo propositivo, foi-se à rua, mas também aos acervos digitais, chegando-se até ao Acervo Histórico do Sport Club Internacional, no extremo sul do Brasil. O processo de contar a história de Bira passou, após as entrevistas com o personagem, pela validação das informações prestadas por ele, especialmente em repositórios digitais. Desta forma, não se abriu mão de nenhum dos formatos de conhecimento à disposição.

A construção da grande reportagem teve o cuidado de não cair no “lugar comum” do jornalismo esportivo, que se atém a uma série de perguntas parecidas repetidas à exaustão durante a carreira de um atleta. Buscou-se, então, uma narrativa capaz de destacar outras áreas e etapas da vida de um atleta, não raras vezes pouco exploradas pela mídia tradicional. Foi desta forma, por exemplo, que conhecemos o temperamento de Bira na infância, assim como seu contexto familiar e o sofrimento constante com os problemas no joelho no fim da carreira, que se refletem na mobilidade atual do personagem.

Foi possível verificar durante a realização da pesquisa a riqueza de fontes e personagens disponíveis no futebol amapaense para a construção de grandes reportagens nos moldes do produto realizado. Fatores positivos a este tipo de proposta são: a facilidade de localizar na cidade este tipo de fonte, assim como o acesso a elas; os arquivos que possuem, que ajudam a contar a própria história; o fato dos ex-atletas terem contatos do tempo da ativa, facilitando a

busca de novos personagens. Como fator desfavorável e este tipo de construção, elenca-se somente a dificuldade de agendamento com a fonte, devido a alguns deles (como Bira) manterem-se ligados ao futebol necessitando ausentar-se ou desmarcar encontros.

Com relação ao problema inicial da pesquisa, *“Por que há baixa incidência de grandes reportagens jornalísticas sobre o esporte no Amapá?”* e à hipótese apresentada, *“Há pouca incidência de grandes reportagens esportivas no Amapá pela falta de uma revista local dentro da temática e pela pouca familiaridade do público leitor amapaense com a densidade característica deste tipo de produto, desestimulando produções deste conteúdo em outros veículos impressos”*, pôde-se atestar a veracidade da hipótese empírica. De fato, no Amapá não há nenhuma revista local na temática esportiva. Os jornais e revistas circulantes no Amapá prezam por textos curtos, inviabilizando a produção e publicação de reportagens em profundidade como a executada. A produção da grande reportagem atendeu à carência destacada no problema, e pode servir como motivação para mais produções do gênero, seja no meio acadêmico ou no comercial.

Apesar de alguns percalços durante a realização do projeto, incluindo-se a falta de experiência do autor com projetos científicos, julga-se positivo o resultado final obtido através do produto e do presente memorial. O conhecimento adquirido e exposto ao longo do memorial fez amadurecer o interesse do autor pelo jornalismo esportivo e pelo jornalismo biográfico enquanto o trabalho como um todo pode servir como apoio a acadêmicos que tenham ambições convergentes às temáticas abordadas no projeto, assim como contribuir à preservação da memória esportiva amapaense, pouco explorada pelos meios de comunicação locais.

REFERÊNCIAS

AMBROSE, Gavin. **The Layout Book**. Lausanne – Switzerland: AVA Publishing, 2007. Disponível em: <http://www.picoboero.com/wp-content/uploads/2014/12/Layout-Ambroise-Harris.pdf>.

BANN, David. **Novo manual de produção gráfica**. Tradução: Edson Furmankiewicz. Porto Alegre: Bookman, 2010.

BARBEIRO, Heródoto, RANGEL Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006

CAMPOS, Cliver de Brito. **WEBJORNALISMO ESPORTIVO: Um relato sobre o processo de desenvolvimento do blog de notícias esportivas ‘Esportivo No Meio Do**

Mundo. 2018. 34 páginas. Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo. Departamento de Comunicação, Artes e Letras. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2018.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

COLLARO, Antonio Celso. **Projeto gráfico: teoria e prática da diagramação**. 4. ed. São Paulo: Summus, 2000.

COSTA, Luciana Miranda; SOUZA, Sandra Sueli Garcia de; COSTA, Paula Catarina de Almeida. Panorama do Rádio em Belém. In: PRATA, Nair. **Panorama do Rádio no Brasil**. Volume 1. Florianópolis: Insular, 2011.

CUNHA, Rodrigo. Panorama do Rádio em Macapá. In: PRATA, Nair. **Panorama do Rádio no Brasil**. Volume 1. Florianópolis: Insular, 2011.

DA SILVA, Sidney Barbosa; FEITOSA, Sandro Veira. **CAMPEÕES DO AMAPÁ - 1ª DIVISÃO**. Disponível em: <https://www.campeoesdofutebol.com.br/amapa.html>. Acessos em 10 de setembro de 2018 e 07 de novembro de 2018.

DUARTE, Alec. Lendas amazônicas: jogadores que desaparecem. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22/04/2003. Colunas. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/colunas/papodeesporte/ult1419u11.shtml>. Acesso em 03 de setembro de 2018.

GARCIA, Leonai. **Bola de Seringa: A história do Futebol Amador Amapaense 1940 – 1990**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KFOURI, Juca. **Sim, a TV transmitia futebol em fevereiro de 1955**. Acessos em 15 de setembro de 2018 e 06 de novembro de 2018. Disponível em: <https://blogdojuca.uol.com.br/2015/02/sim-a-tv-transmitia-futebol-em-fevereiro-de-1955/>.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

RODRIGUES, Edgar. **As Comunicações Sociais no Amapá**. 2007. Disponível em: http://www.achetudoeregiao.com.br/ap/macapa/As_comunicacoes_sociais.htm. Acessos em: 18 de setembro de 2018 e 06 de novembro de 2018.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol**. Seleção e notas: Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHEIBE, Roberta; AUGUSTO, Isabel Regina. Por uma conversão do olhar: Desbravações epistemológicas no Amapá. **Jornal Alcar**, Porto Alegre. Ano 2. Nº 9. Segunda fase. P. 1-11.

Ago. 2013. Acesso em 17 de setembro de 2018. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar-9/por-uma-conversao-do-olhar-desbravacoes-epistemologicas-no-amapa>.

TALESE, Gay. **Fama e anonimato**. Tradução: Luciano Vieira Machado. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

UNZELTE, Celso. **Jornalismo esportivo: relatos de uma paixão**. V.4 São Paulo: Saraiva, 2009.

VILLAS BOAS, Sergio. **Biografias & Biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.

WERNECK, Humberto. A arte de sujar os sapatos. IN: TALESE, Gay. **Fama e anonimato**. Tradução: Luciano Vieira Machado. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ANEXOS

Roteiro da Entrevista

BLOCO UM: Infância e o futebol

1. Bira, apesar de ser alfaiate, seu pai foi campeão paraense pelo União Esportiva e jogou pelo Macapá. Você e seus irmãos também foram atletas, com destaque a você e Aldo. Quais suas lembranças de infância nessa família que respira futebol?
2. Como eram as condições da sua família naquele período?
3. O que sonhava ser quando crescesse?
4. Quem era a pessoa que mais lhe incentivava na infância?
5. Qual a definição de futebol quando tinha 9, 10 anos?
6. Esse sentimento permanece até hoje?
7. Para qual time o jovem Ubiratan torcia?
8. Na escola, qual era o perfil do Bira?
9. Tirando o futebol, qual era sua atividade favorita?
10. Me conta como foi seu início no Reminho (grupo de garotos que atuavam na Praça da Conceição sob comando de Dário), aos 12 anos. Era mais por diversão ou já encarava de maneira mais séria?
11. Naquela época você chegou a sonhar em ganhar o Brasil jogando bola?

BLOCO DOIS: Início no futebol local

1. Como foi seu início no Macapá, ainda como roupeiro?
2. E a passagem até o time principal em 1972?
3. Seus pais sempre lhe incentivaram a prosseguir no futebol?
4. Que lembranças você traz daquela final contra o Amapá Clube em 1973? Aquela derrota deixou alguma marca?
5. Chegou a pensar em largar o futebol de vez?

6. O que você fez com o primeiro salário/premiação que ganhou?
7. Qual foi o caminho da volta por cima do time até ser consagrado como campeão do primeiro Torneio Integração da Amazônia em 1975?
8. Essa é a sua lembrança mais marcante pelo Macapá?
9. Foi aqui que percebeu no futebol de fato uma profissão?
10. Em uma entrevista sua de 2015, para o Globo Esporte, você menciona que é sócio do Macapá. Qual é sensação de ver a grande equipe do Amapá na sua época de atleta passar por tanta dificuldade atualmente?

BLOCO TRÊS: O sucesso começa a chamar a atenção dos grandes clubes do norte

1. Como foi sua ida para o Paysandu e seu primeiro título paraense?
2. Como foi sair da casa de seus pais e morar em Belém?
3. Sua família foi resistente a esta mudança?
4. Stephan Houat naquele momento era uma espécie de empresário?
5. Alguém em específico foi importante nos primeiros tempos no Pará?
6. A relação das pessoas com você em Macapá mudou quando souberam que você estava jogando profissionalmente no Pará?
7. Qual foi seu pensamento quando soube da irregularidade no documento de transferência? Pelo que li no livro Bola de Seringa, a proposta do Remo era irrecusável.
8. A missão de fazer a torcida remista esquecer o Alcino te parecia difícil?
9. Quais suas lembranças sobre o “Sossega Dario”, naquele duelo contra o Paysandu?
10. Até hoje, ninguém ultrapassou sua marca de 32 gols no Paraense de 1979. Você atribui esse recorde imbatível a algo em específico?
11. Ser tri campeão no Remo, duas artilharias no estadual (78 e 79), chegar em 6º lugar no campeonato brasileiro de 78 ou marcar mais de 200 gols pelo Leão. É possível definir qual a lembrança mais marcante?
12. Ficou alguma história curiosa neste seu tempo em Belém?

13. Não posso deixar de mencionar sua relação de amizade com Mesquita. Pode me contar um pouco?

BLOCO QUATRO: A ida para o SC Internacional

1. Sua transferência para o Internacional, em setembro de 1979, é recheada de histórias. Qual a versão do Bira?
2. O Inter foi a melhor opção por qual (is) razão (ões)?
3. A história do motorário (“Vou dar a moto para meu pai e o rádio para minha mãe”) aconteceu ou é invenção?
4. Como foi chegar naquele vestiário cheio de feras?
5. A adaptação longe de casa foi fácil?
6. Em um texto de Milton Ribeiro, você comenta sobre a dona Delmira, mãe do Batista, uma “mãe gaúcha”. Como foi essa relação nas finanças e qual a importância dela para você?
7. Como foi o choque cultural de um nortista em Porto Alegre? O que mais te chamou a atenção?
8. Você tinha uma ideia construída sobre o povo de lá? Esse conceito se manteve?
9. Acaí ou chimarrão?
10. Você marcou na estreia contra o Santa Cruz e depois da lesão fez três contra o Rio Branco no Beira Rio. Alguém poderia parar o Bira?
11. Aquele choque com o zagueiro Zé Rios da Desportiva (ES) deixou marcas em você? O que você lembra da situação?
12. O que você recorda com mais carinho desse título invicto de 1979?
13. Nesse ano, seu companheiro de ataque foi o Mário Sérgio, que nos deixou em 2016 na Colômbia. Há alguma história de vocês?
14. No ano seguinte, você se machucou na semifinal contra o Atlético MG e o colorado foi vice da Libertadores. O ano de 1980 foi frustrante no Inter?

BLOCO CINCO: A maturidade profissional e o sucesso

1. Como você lidou com o sucesso e projeção que ganhou no Inter?
2. Teria feito algo diferente nesse momento da carreira?
3. O que havia de diferente no Bira do Reminho para o Bira campeão invicto brasileiro?
4. Alguma vez o sucesso lhe subiu à cabeça?
5. O empréstimo ao Universidade Guadalajara foi algo forçado pelo Inter?
6. Conseguiu aprender espanhol ou fico só no portunhol?
7. Que lembranças tem de Guadalajara?
8. Como se deu sua saída do Inter?
9. Você ainda foi campeão mineiro em 82 pelo Atlético e pernambucano em 84 pelo Náutico, além de levar a Taça de Prata com o Juventus em 1983. Qual destas conquistas te trouxe mais satisfação?

BLOCO SEIS: O fim da carreira

1. Das passagens por Central (PE), Catuense (BA), Brasil (RS), Tiradentes (CE) e Vila Nova (Castanhal – PA), quais as lembranças?
2. Você conseguia entrar com a mesma vontade nos jogos destas equipes comparado às épocas de Macapá, Remo e Inter?
3. Qual foi a maior alegria de sua carreira?
4. De todas as cidades que já falamos, qual foi a que você mais gostou?
5. Você percebeu o fim da carreira se aproximando?
6. Você mantém contato com alguém “das antigas”?
7. Qual sua lembrança de quando soube da gravidade da lesão sofrida no Vila Nova?
8. Foi difícil parar?

9. As recordações como treinador são boas? Qual foi o principal motivo para você aceitar esses cargos?
10. Em que ano você voltou em definitivo para Macapá?
11. Por que escolheu viver em Macapá e não alguma das outras cidades que morou?
12. Como está organizada sua família hoje?
13. Como surgiram os convites para trabalhar no rádio? Como é essa rotina?
14. Trabalhar com esporte depois de aposentar é bom ou gostaria de estar fazendo outra atividade?
15. Juninho Pernambucano, ex-jogador, deu uma entrevista recentemente dizendo que os jornalistas “precisam da gente, os ex-jogadores, para complementar o que não conseguem enxergar”. Você concorda?
16. Ainda existe algum sonho do Bira a ser realizado no meio do futebol?
17. Qual foi a maior transformação que o futebol fez em você?

Autorização de Entrevista

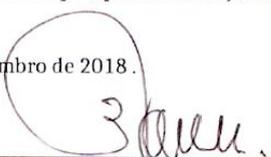


FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Eu UBCKALMA SILVA DO ESPIRITO SANTO,
abaixo assinado, autorizo Tiago Emanuel Campelo Kopp, estudante de Jornalismo da
Fundação Universidade Federal do Amapá, a utilizar as informações por mim prestadas,
para a elaboração de seu Projeto Experimental/Trabalho de Conclusão de Curso intitulado
"Grande Reportagem Biográfica: Bira, o atacante do meio do mundo que conquistou o
Brasil" e está sendo orientado por/pela Prof. Dr. Jefferson Ferreira Saar.

Macapá/AP, 03 de Novembro de 2018.


Assinatura do entrevistado

Documentos – Arquivo Histórico do S.C. Internacional

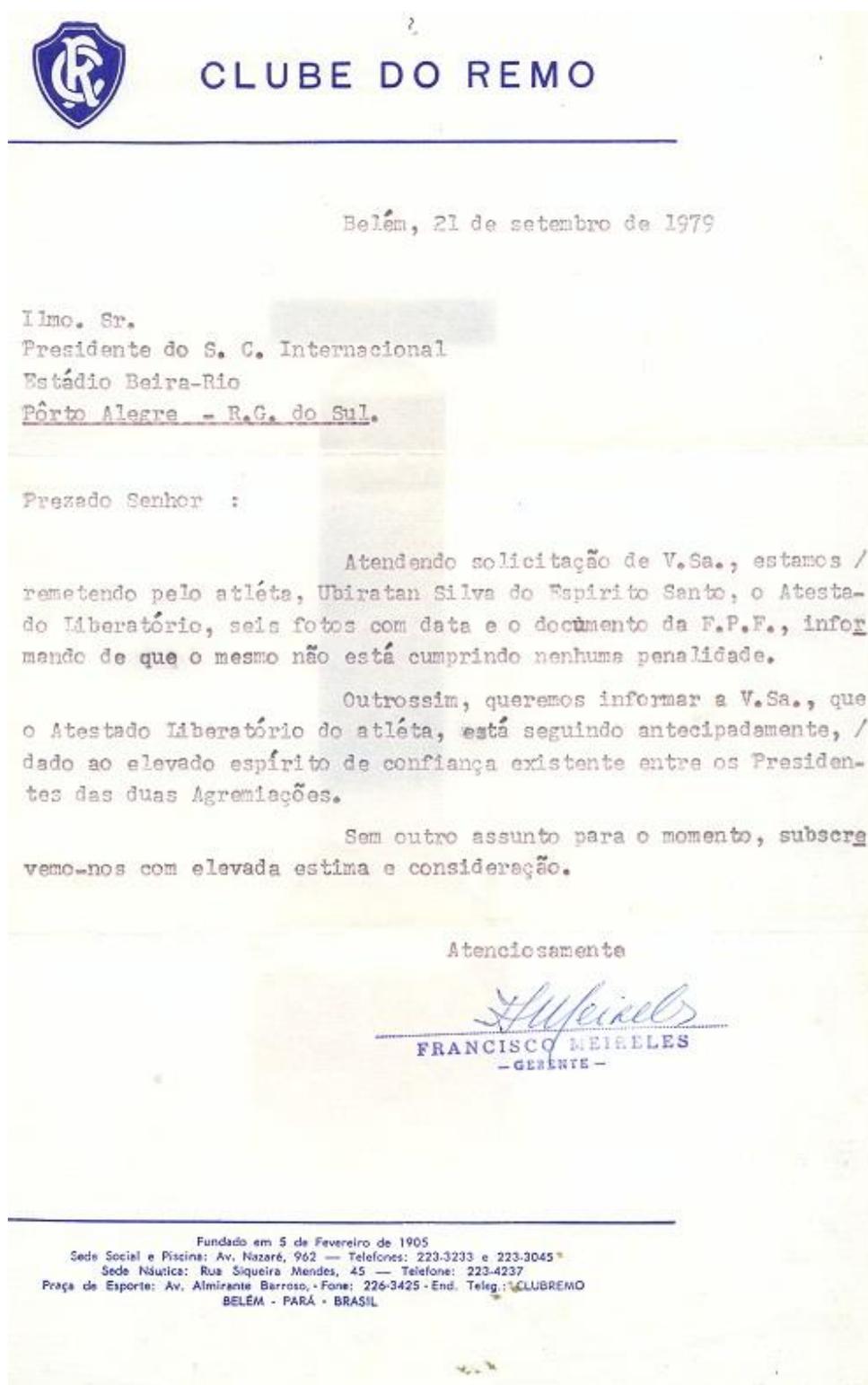


Figura 1 - Carta do Clube do Remo ao S.C. Internacional encaminhando documentos de Bira. Data: 21 de setembro de 1979. Fonte: Arquivo Histórico/Departamento de Futebol S.C. Internacional.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE FUTEBOL

Inscrição de PROFISSIONAL

2ª VIA
Carta a Assoc.

UBIRATAN SILVA DO ESPÍRITO SANTO
(Nome do Atleta)

Nascido a 20 de maio de 1955 (Dia, mês e ano)

Societa inscrita pelo prazo de 2 (dois) anos

Com início em 24 de setembro de 1979 e terminando em 23 de setembro de 19 81

Por SPORT CLUB INTERNACIONAL

Da cidade de Porto Alegre de conformidade com o contrato número [REDACTED] que nesta data firmou com a referida associação.

PORTO ALEGRE 24 de setembro de 19 79
Am. do Atleta

INSCRITO

Figura 2 - Inscrição de Profissional – 2ª Via. Data: 24 de setembro de 1979. Fonte: Arquivo Histórico/Departamento de Futebol S.C. Internacional

Matéria Diagramada

ARTIGO

Bira

o atacante do meio do mundo que conquistou o Brasil

Por Tiago Kopp



"Ubiratan Silva do Espírito Santo fez história com as camisas do Remo e do Internacional.

Era uma tarde ensolarada de terça-feira, como tantas outras, no bairro do Trem, em Macapá. A cidade, capital do estado do Amapá, tem na companhia constante do sol uma característica marcante, benesse que só um lugar cortado pela linha do Equador pode propiciar. Foi

neste contexto tão comum que identificamos o personagem desta reportagem vindo em nossa direção. Suas pernas, um pouco cansadas das dividas da vida, faziam perceber que pertenciam a alguém que viveu do futebol. A camiseta vermelha, talvez não proposital no seu vestuário, ajudava a contar

indiretamente parte da sua memória. Os cabelos, já não tão fartos como nas décadas de 1970 e 1980, acompanhavam um sorriso largo e sincero de alguém muito bem resolvido no futebol e na vida. A chegada de Ubiratan Silva do Espírito Santo, mais conhecido como Bira, transformou a tarde de outubro, que poderia ser apenas mais uma em meio ao longo verão amapaense, num período de diálogo e aprendizado enriquecedor.

Quando se está do lado de fora do mundo do futebol, cria-se uma ideia sobre este universo, alimentado por reportagens, entrevistas, livros e documentários. Às vezes, a imagem criada torna-se romantizada ou até fantasiosa. Na conversa com Bira se identifica uma versão mais sóbria, mas não menos emocionante e interessante do meio futebolístico. Bira é um dos atletas mais vencedores a nível nacional nascidos no Amapá. Seu maior título na carreira foi o Campeonato Brasileiro de 1979, conquistado com o Internacional de Porto Alegre de maneira invicta, mas há muito mais a ser dito sobre a carreira e a vida deste atacante com "faro de gol".

Bira é um dos atletas mais vencedores a nível nacional nascidos no Amapá. Seu maior título na carreira foi o Campeonato Brasileiro de 1979!



5 irmãos: "Marco Antônio, Haroldo, Assis, Bira e Aldo: a família Espírito Santo campeã na I Copa Integração da Amazônia (1975).

Os primeiros passos

O personagem desta reportagem recebeu-nos sob o mesmo chão em que viveu sua infância. Em sua memória, projetava-se o lugar onde ele, seus irmãos e a criança da vizinhança jogavam futebol, muito antes de sequer imaginar tudo que aconteceria em sua trajetória. "Aqui no lado era o campo onde a gente jogava três contra três, um no gol e dois no ataque, dois gols ou dez minutos", lembra saudoso.

A infância para aquele garoto era de pés no chão, pois desde cedo ele e os irmãos foram orientados sobre o futuro. Seus pais incentivavam aos oito filhos, cinco homens e três mulheres, a almejar um trabalho logo após completar dezoito anos e deixar o ensino médio, ideia que era compartilhada com os amigos de infância. "Primeiro que era difícil. Para sair um jogador daqui era uma vez na vida e outra na morte e o cara tinha que ser muito bom. Não tinha televisão, nós ficávamos admirando os caras pelo rádio. Ai não podia sonhar, sonhar sair no rádio. Ninguém sonhava, nem imaginava em ser jogador profissional". Um sonho mais

realista para o pequeno Ubiratan era ser mecânico de automóveis. As perspectivas de vida e trabalho na família Espírito Santo são compartilhadas por milhões de brasileiros que nascem longe dos holofotes e lutam dia a dia por um futuro digno e tranquilo para os seus. Aqui começa a destacar a ausência daquele pseudo romantismo mencionado anteriormente, já que Bira poderia simplesmente inventar que sempre sonhou em ser jogador profissional de futebol, para que nossa história fosse mais pomposa e literária. Ao invés disso prefere ser sincero, o que nos faz valorizar o que realmente importa na sua trajetória.

A bola era a principal diversão de Ubiratan e seus amigos, que admite ser o tipo de aluno "sapeco", "da turma lá de trás". Já com doze anos, junto de seu irmão Aldo, outro que rodou o país e foi campeão brasileiro em 1984 pelo Fluminense, foi convidado a fazer parte do Reminho. Tratava-se de um grupo de

crianças que vendiam picolé nos arredores da Praça da Conceição e foram agremiados, junto de Bira e Aldo, para vestir as camisas azuis que um fanático torcedor do Clube do Remo havia mandado confeccionar. A garotada passou a ter a sua vez de jogar naquele que segue sendo até hoje um dos principais pontos de encontro do futebol amador amapaense, sede da Copa do Mundo Marcílio Dias.

Os laços familiares são importantes para entendermos o que levou um apaixonado por futebol, como tantos outros brasileiros, a ter uma carreira nacionalmente reconhecida. Bira acompanhava seus três irmãos mais velhos, Marco Antônio, Haroldo e Assis, nos treinos do Esporte Clube



Foto: Dalan Andrade

"Nsa. Sra. da Conceição".
"A participação no futebol da Praça da Conceição era permitida após a frequência nas atividades da Juventude Oraleolana do Trem (JOT), que ocorriam no templo de Nossa Senhora da Conceição, no balcão do Trem."



Foto: Dabim Andrade

Bira e Aldo: Bira (dir.) e Aldo saíram do E.C. Macapá para conquistar o Brasil, com Inter e Fluminense, respectivamente.

Macapá, time da cidade conhecido como Leão da FAI. Aos poucos, começou a ajudar a equipe no que podia, desde carregar materiais da equipe, servir de gandula e até arrecadar material esportivo. Parece modesto, e de fato é. Na década de 1970, o futebol no Amapá ainda era amador e parte dos atletas das equipes eram empregados em diferentes áreas do serviço público. Em alguns estados da região norte, o esporte já estava mais avançado, onde havia o chamado "amador marrom": atletas trazidos de outros estados e também alocados em postos públicos, de modo a incrementar o nível do futebol local.

Foi contra equipes nesta

configuração que a equipe do E.C. Macapá disputou o I Torneio Integração da Amazônia, em 1975, em Rondônia. A competição reunia equipes de todos os estados do Norte. Bira (18) e Aldo (16) já faziam parte da equipe principal, totalizando cinco membros da família Espírito Santo no escrete amapaense. O Macapá sagrou-se campeão com um elenco cem por cento amapaense, mostrando a força do futebol local e dando um tom especial à vitória. Bira tem grandes recordações dessa conquista, especialmente da recepção no retorno, quando a pista do aeroporto foi invadida por vários torcedores para receber os campeões. Bira segue comedido nas respostas

e confessa que ainda não era capaz de projetar tudo que lhe sucederia depois, afinal era feliz na terra natal fazendo o que sempre gostou: jogar bola.

Seus pais incentivavam aos oito filhos, cinco homens e três mulheres, a almejar um trabalho logo após completar dezoito anos

De Macapá para Belém; e do Paysandu para o Remo

A vida, no entanto, apronta das suas e muda histórias. Quase não mudou a de Bira. Tempo depois da vitória com o Macapá, foi a Belém visitar familiares e aproveitou para fazer um teste na Tuna Luso Brasileira, clube pelo qual torceu desde criança. Teve oportunidades no final de dois treinos, mas não convenceu a comissão técnica da Tuna. Coisa do destino. Voltou a Macapá, e seguiu atuando no Leão da FAB. Um ano depois, Bira conquistava o título paraense com o Paysandu contra a equipe que o dispensou, dando início a uma vencedora trajetória por outros rincões do país.

Os primeiros tempos em Belém foram difíceis. Foi levado para o time da Curuzu por Stephan Houat, empresário e dirigente do Paysandu. Com ele foram seus colegas de clube Albano e Aloisio. Nosso personagem relata certa dificuldade dos atletas novatos para se integrarem ao elenco formado, pois os "jogadores

da casa" preferiam apoiar os companheiros que já estavam no grupo. Poderíamos talvez entrar agora no assunto de um grande amigo dos tempos de Belém, que o ajudou na adaptação, mas Bira prefere a realidade. "No futebol profissional ninguém ajuda ninguém", foi uma das frases mais emblemáticas do bate-papo. Em meio à atmosfera criada no futebol, o torcedor não imagina que esse tipo de atitude exista nesse meio. Relações comuns para alguém em rotina profissional, mas que não se tornam conhecidas.

Pouco comum mesmo

era Bira não jogar. Com seus gols e bom desempenho foi cravando vaga no time do Paysandu. Nosso atacante, estranhamente, foi barrado por três jogos seguidos do time, sem motivo aparente. No dia seguinte à última destas partidas, em 7 de setembro de 1976 contra o maior rival, Remo, Bira descobriu o que o tinha impedido de jogar os últimos encontros: a documentação do trio que veio de Macapá havia sido adulterada por um dirigente bicolor, sendo invalidada pela CBD (Confederação Brasileira de Desportos). O contrato do trio com Paysandu não tinha mais efeito e eles, de fato, voltavam a pertencer ao Esporte Clube Macapá por decisão da CBD.



Foto: Bira - Arquivo Pissod.

Bira e Dadá: "Bira (dir.) rivalizou com Dadá Maravilha no Campeonato Paraense de 1979. O amapaense levou a melhor, foi campeão e artilheiro daquela edição.

A revelação, curiosamente, foi feita ao jogador pelo presidente do Remo em uma farmácia da capital paraense. Com bom relacionamento na entidade que mandava no futebol brasileiro, o dirigente soube da fraude antes mesmo da imprensa e resolveu procurar o atleta. Esperto, além de dar a notícia, o cartola aproveitou a oportunidade de fazer a Bira uma proposta de trabalho. “Quanto tu ganha no Paysandu? Eu falei: é 1.800 (Cruzeiros). Tu vai ganhar 6 mil no Remo. Tá aqui teu contrato e teu primeiro salário”, entregando um maço de dinheiro ao novo atleta. A assessoria jurídica do Remo também foi importante, quando os dirigentes do Paysandu perceberam o tamanho do estrago que o erro no contrato

causou. De início, segundo Bira, achavam que ele não vingaria no rival. Quando passaram a vê-lo empilhar gols com a camisa do Remo, perceberam o problema e entraram na justiça pedindo o voltado atacante.

Era tarde. O Remo havia perdido recentemente Alcino, um dos maiores ídolos e artilheiros da história do clube. Bira foi encarregado de fazer a torcida feliz novamente e a resposta foi rápida: “Na minha estreia fiz dois gols no Paysandu, aí pronto, acabou a mística”, lembra, orgulhoso. Depois disso, e de tantos outros gols, Bira é proibido até hoje de entrar na Curuzu, sede do Paysandu: “Eu acho ótimo, se eu sou persona non grata no Paysandu é porque eu fiz alguma coisa”.

Bira foi tricampeão

paraense de 1977 a 1979 pelo Remo e artilheiro nas edições de 1978 (28 gols) e 1979 (32 gols), travando disputa particular com o recém-chegado Dario “Dadá Maravilha” nesta última. A decisão do título estadual de 79 é o momento mais memorável para Bira em Belém: “Eu entrei com bola e tudo, driblei o goleiro fora da área e entrei com bola e tudo. A torcida, ao invés de torcer, suspirou. Quando driblei o goleiro não havia mais ninguém, fui devagar. Quando a bola entrou, houve aquela explosão”, conta, como se revivesse o lance. O Leão também terminou o Campeonato Brasileiro de 78 na sexta posição, estando em evidenciano cenário nacional.

“Na minha estreia fiz dois gols no Paysandu, aí pronto, acabou a mística”



Foto: Dalton Andrade

Bira e a Bola: “Bira e a bola viviam uma relação de amor no Remo. Foram mais de 100 gols pelo clube e três edições do Campeonato Paraense seguidas.”

Depois de ganhar o Norte, é hora de conquistar o Brasil

Três partidas de pois, Ubiratan finalmente foi vendido, mas não para o Flamengo. Na euforia da celebração de seu quarto título paraense, o terceiro com o Clube do Remo, Bira havia se desligado do noticiário desde o domingo da final. Quando foi a um bar de Belém, na quinta-feira, e descobriu que os dirigentes do clube estavam o procurando. Chegando ao Baenão, sede do Remo, soube de uma oferta do Internacional que a diretoria havia aceitado e que iriam mandá-lo imediatamente a Porto Alegre para os exames médicos. Sabendo da proposta naquele momento, Bira de imediato recuou: "Eu vou no sábado, se não, não vou". Convencidos pela pressão do atleta, os remistas fizeram contato com a diretoria colorada, que

A mãe gaúcha de Bira

Futebol à parte, a mudança para o sul do país mexeu com o jogador. Recém-chegado à cidade e ainda morando provisoriamente em um hotel, Bira foi convidado por seu colega Batista a almoçar em sua casa num domingo. Lá conheceu dona Delmira, mãe de Batista, e "mãe gaúcha" de Bira, como o próprio a descreve. A senhora, muito direta, folgado por ganhar de: "Quanto você pegou hoje?"; contrariado, respondeu e recebeu quase uma ordem: "Pois traga aqui amanhã". D. Delmira guiou Bira na compra de seu apartamento no bairro Petrópolis e cuidou de seu dinheiro durante todo o tempo de Inter: "ela que segurava minhas finanças". Bira admite que aquela senhora foi a primeira pessoa que conheceu no mundo do futebol a realmente se importar com ele.

aceitou a justificativa. Em setembro de 1979, o destino levava rumo à capital gaúcha o atacante amapaense, que não sabia sequer quanto ganharia no Inter.

Bira chegou a Porto Alegre no final de semana anterior à estreia do Inter no campeonato. Encontrou-se

com os novos companheiros no Aeroporto Salgado Filho.

Ele faria exames médicos e treinaria sozinho no fim de semana, enquanto o grupo rumava à Curitiba, para compromisso contra o Atlético Paranaense. Na segunda rodada, diante do Santa Cruz, em Recife, estreou com gol. Na mesma partida, sofreu uma lesão e ficou fora por quarenta dias, mas voltou com tudo em sua estreia no Beira Rio. 5x1 sobre o Rio Branco, três gols dele. Daquele momento em diante não saiu mais da equipe, e junto de Falcão e Mário Sérgio, Batista e outros craques, levou o clube gaúcho a seu terceiro título brasileiro, desta vez invicto, derrotando o Vasco na final. Tal feito nunca foi repetido no futebol nacional.



Inter 79 - Tri Campeão Brasileiro Invicto

Do Sul, uma das memórias mais agradáveis de Bira foi a educação do povo: “foi lá que eu aprendi ‘por favor’”. O tratamento dispensado aos atletas por todos os funcionários do Colorado também foi destacado pelo ex-jogador, afirmando que naquela época, “quem saía da dupla GreNal sofria para se adaptar em outros clubes”. Das viagens do clube, traz uma das poucas lembranças amargas. Mário Sérgio, seu companheiro de ataque no Inter. O comentarista da Fox Sports foi vitimado no voo 2933 da LaMia em 28 de novembro de 2016. O avião transportava o elenco da Chapecoense à Colômbia para a final da Copa Sulamericana contra o Atlético Nacional, mas ficou sem combustível a poucos quilômetros do aeroporto de Medellín, deixando um total de 71 vítimas fatais, entre atletas,

dirigentes, comissão técnica e membros da imprensa. Na época de jogador, Mário Sérgio não gostava de ver a imprensa “pegando carona” com os atletas para as partidas, pois achava que aquilo tirava a liberdade dos atletas. “Ali eu vi o destino”, comenta Bira com a voz embargada sobre o falecimento de Mário.

Depois da glória em 1979, o Inter não conseguiu avançar à final do Campeonato Brasileiro de 1980, em uma amarga derrota para o Atlético Mineiro no mês de maio. Em agosto do mesmo ano, o Colorado perdeu a chance de pintar a América de vermelho. A derrota na final da Libertadores para o Nacional do Uruguai foi frustrante. Após a apoteose do título de 1979 e das boas campanhas em 1980, o Inter se desfez de boa parte do elenco. Benitez foi para o Palmeiras,

Falcão para a Roma (ITA), Mauro Pastor para o Colorado (PR), Jair para o Peñarol (URU), Cláudio para o Millonarios (COL) e Mário Sérgio para o São Paulo. Bira passou parte de 1980 emprestado ao Universidad de Guadalajara (MÉX), retornando a Porto Alegre em 1981 para conquistar o estadual com o Inter em um grupo totalmente reformulado, mas os dias no clube estavam perto do fim. Na opinião de Bira, suas críticas ao modelo de gestão, especialmente a característica de vender os bons atletas, foi fator decisivo para sua saída. Ele voltou à capital gaúcha algumas vezes a convite do clube, especialmente em eventos comemorativos ao último campeonato brasileiro da equipe.

Goleador nacional: Em Minas, São Paulo e Nordeste, Bira segue vencendo

Em 1982, o Internacional recebeu uma boa proposta e vendeu atacante ao Atlético Mineiro. Em Minas, Bira encontrou um clube comandado pela dupla Toninho Cerezo e Eder Aleixo, presenças frequentes na seleção brasileira da época. Com o Galo, foi campeão mineiro daquele ano. Naquele período, lembra que recebeu de Telê Santana, técnico canarinho, a promessa de estar no grupo brasileiro da Copa de 1982, mas uma lesão inviabilizou a possibilidade do amapaense defender as cores do Brasil no mundial da Espanha. É o maior lamentação profissional de Bira.

Belo Horizonte foi a cidade onde Bira mais se sentiu em casa durante toda a sua carreira. Ele destaca a gastronomia mineira como o ponto mais atrativo nesta escolha. O ponto negativo era acordar quase na madrugada e se deslocar como grupo para o centro de treinamentos do Atlético, na cidade de Vespasiano, distante 27 km da capital mineira. No Inter, o

CT era mais perto e não demandava tamanho esforço. A solidão foi outra que maltratou o atacante nortista em BH. Morando sozinho, Bira confessa que "sentia falta de pessoas" a seu redor, o que também influenciou seu desempenho, já abaixo dos tempos de Remo e Inter. As lesões também passaram a ser mais frequentes, atrapalhando a sequência de jogos do atleta.

Apesar de todo esforço para seguir em alto nível no futebol nacional, Ubiratan acabou vivenciando uma série de mudanças de equipe no decorrer da década de 1980. Em 1983 foi repassado pela diretoria atlética ao Juventus da Mooca, tradicional equipe de São Paulo, pelo qual venceu a Taça de Prata (similar à atual segunda divisão nacional) e em 1984 foi campeão pernambucano com o

Náutico. Antes de voltar em definitivo a Belém, Bira ainda atuou em equipes como Central (PE), Catuense (BA) e Brasil (RS), mas o prazer já não era o mesmo do início da carreira. Profissional, seguiu sua trajetória, mas sem o mesmo ímpeto.



O fim da carreira: sai o atacante, entra o treinador

Na última equipe da carreira, o Vila Nova de Castanhal (PA), Bira deixou os gramados com 33 anos. Em 1989, a modesta equipe disputava pela primeira vez a elite paraense e Bira foi chamado para comandar o ataque, entretanto a condição física o impediu de prosseguir: "A pior coisa para um jogador é parar por lesão. Eu peguei uma porrada de um mês, mas depois eu caí na real. Eu não tinha mais condições, eu não corria mais. No último jogo que eu joguei, tive que ir ao hospital no dia seguinte para tirar líquido do joelho". As marcas de 15 anos de carreira, desde seu início no Macapá se manifestam com mais clareza hoje, dificultando um pouco sua locomoção. Superada mentalmente a necessidade de parar, Bira recebeu imediatamente o convite para seguir em Castanhal, mas dali em diante como técnico do Vila Nova. A gratidão ao clube e o convite do prefeito da cidade na época foram decisivos para o aceite da proposta. Surgiu ali a versão treinador de Bira.

No início da década de 1990, conseguiu fazer boas campanhas no comando de

Bragantino e Castanhal, ambos do interior paraense, chamando a atenção dos clubes da capital. Em um momento de poucas opções no mercado paraense, o Paysandu resolveu contratar o velho Bira, desafeto por ter ido ao rival Remo nos anos 70. A equipe treinada pelo amapaense perdeu a decisão.

“No último jogo que eu joguei, tive que ir ao hospital no dia seguinte para tirar líquido do joelho”

Em 1994, uma das maiores decepções do agora "Professor Bira" com a vida de técnico: estava na concentração com a equipe do Paysandu antes de enfrentar o São Paulo pelo campeonato brasileiro. Ouvindo o noticiário, descobre que o Papão havia contratado um novo técnico, e que este já estava em Belém acertando o contrato. O detalhe é que

nosso entrevistado sequer havia sido avisado que não comandaria mais o time. Estas e outras peculiaridades do mundo da bola envolvendo os dirigentes foram cansando Bira.

Em 2004, ainda como treinador em Belém, viveu a maior injustiça de sua carreira no futebol. Treinava o Castanhal em uma partida importante contra o Remo pelo Campeonato Paraense. O árbitro da partida foi o gaúcho Carlos Eugenio Simon, que chegou a integrar o quadro FIFA. Em um lance no final da partida, segundo Bira, o Remo alçou a bola na área após uma falta. Após um bate-rebate a bola subiu. Naquele momento, atletas do Leão fizeram falta no goleiro Aldecir, que inerte viu o zagueiro do Remo fazer o gol. Bira, revoltado, tentou interpelar Simon, mas sem sucesso. Horas depois, o craque amapaense teria de pegar um avião rumo a Porto Alegre para uma celebração do Internacional para a qual foi convidado. Se recusou, para não ter que dividir o voo com o árbitro que impediu o triunfo do seu time.

De volta para casa

Depois de dirigir quase todos os clubes da elite paraense, incluindo os gigantes Paysandu, Remo e Tuna, Bira voltou a Macapá em 2007. O cansaço, somado à violência de Belém e fatores pessoais trouxeram-no de volta à cidade que o viu dar os primeiros passos no mundo da bola. No Amapá, lugar mais tranquilo, Ubiratan conseguiu se reencontrar. A convite do saudoso médico e jornalista Leonai Garcia, passou a integrar um programa de variedades na Rádio 101FM, no qual trazia o boletim esportivo. Daquele momento em diante, descobriu uma nova vocação: a comunicação.

Atualmente, Bira participa do Bola ao Centro,

programa esportivo da Rádio Difusora (AM 630) de segunda à sexta ao meio dia. Além da rotina, Bira é comentarista nas partidas transmitidas na tradicional rádio comandada pelo Governo do Estado do Amapá.

Indagado sobre a pertinência dos ex-atletas comentando esporte, Bira concorda com a visão de Juninho Pernambucano, que se desligou recentemente da Rede Globo. Em entrevista ao El País, Juninho disse o seguinte: "Grande parte da imprensa joga contra a evolução do futebol. Eles [jornalistas] precisam da gente, os ex-jogadores, para complementar o que não conseguem enxergar". Bira pondera que o atleta

profissional passa por problemas pessoais e variações no rendimento, algo de difícil compreensão ao jornalista tradicional: "Tem dia que não vai". Essa necessidade de crítica incessante, especialmente nas variações de desempenho, o incomodam. Como alguém que viveu dentro das quatro linhas do gramado, explica que existem os atletas preparados, que lidam bem com as críticas excessivas da imprensa, mas outros acabam perdendo o rumo da carreira.

Com sua vivência de quarenta anos no meio do futebol, Bira é uma importante peça no time do esporte da Rádio Difusora, pois consegue aliar a experiência do passado profissional a uma análise técnica precisa, essencial no Bola ao Centro e nas transmissões esportivas. Atualmente, também tem cuidado mais de si e de sua esposa Donalba.

O bairro do Trem, que o viu dar os primeiros chutes despretensiosos na bola junto da família e dos vizinhos, muito antes de sequer imaginar toda a carreira que teria, hoje é o recanto escolhido por Bira para viver a maturidade. Ele até confessa não ter planejado essa fase da vida, mas os



Bira Olímpia: Bira carregou a Tocha Olímpica em 2016 no percurso amapaense. Na foto, posa ao lado de Vovó Iaiá (Alda Gemaque Mendes).

Fonte: Bira/ Arquivo pessoal.

deuses do futebol lhe reservaram um bom destino. O Bira que hoje se encontra no tradicional bairro da capital amapaense é alguém que gosta dos pequenos prazeres da vida, de curtir os amigos, "jogar conversa fora" e deixar a vida afluir.

O futebol o transformou como ser humano. Mais do que qualquer prêmio, o que marcou a vida de Bira foi a educação. Ressaltados sempre por ele, a cortesia e comportamento do povo

gaúcho, que tão bem acolheu em Porto Alegre, transformaram sua maneira de lidar com as pessoas a seu redor. Bira não des trata ninguém, recebe todos que o solicitam e ainda os convida gentilmente para conhecer sua sala de troféus na casa de seus pais (hoje já falecidos), orgulhoso de tê-la reformado quando atleta para os presentear.

Birajá recebeu diversas homenagens, especialmente do Remo e do Internacional,

onde marcou história. Estranhamente, o Amapá nunca homenageou com propriedade um de seus filhos mais ilustres e conhecidos no esporte bretão. Então, apesar do teor jornalístico desta reportagem, abro um precedente para agradecer a Ubiratan Silva do Espírito Santo por todo seu carinho, gentileza e educação. Bira, é um vencedor no esporte e na vida. O Amapá tem sorte de o ter por aqui.

